



Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório Final de Mestrado

**Elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

**Relatório Detalhado Sobre a Atividade Profissional dos Últimos Quatro Anos
(2008/09 a 2011/12)**

Orientador: Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Júri:

Presidente

Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Vogais

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Professora Doutora Ana Luísa Dias Quitério

Vitor Daniel Pina Vassalo

2013

Para a minha família, Bragança, Bruno e Renato.

Um agradecimento especial para a Tânia, a mana do coração.

Resumo

O Relatório Final do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário apresenta não só uma descrição do trabalho que desenvolvi nos últimos quatro anos de serviço (de 2008/09 até 2011/12) enquanto professor de Educação Física, como também uma análise sobre o mesmo. Constitui-se, portanto, como uma reflexão crítica da minha atividade profissional, em que o procedimento da análise da prática relaciona-se sempre com o contexto comunitário, escolar, disciplinar e académico. Esta reflexão é elaborada de acordo com as dimensões do Relatório de Autoavaliação do Processo de Avaliação de Professores: Vertente Profissional Social e Ética, Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem, Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa e Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida. Cada dimensão engloba uma série de domínios específicos que são abordados com o objetivo de conhecer e sistematizar melhor o meu desempenho na escola e na comunidade. No final, pretende-se que este documento sirva de referência para uma melhoria da minha prática profissional, evidenciando os aspetos positivos e aqueles a melhorar ou corrigir em cada uma das dimensões supracitadas.

Palavras-Chave: Educação Física, Ensino-Aprendizagem, Desenvolvimento Profissional, Avaliação de Desempenho Docente.

Abstract

The Final Report for the Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education provides not only a description of the work I have done over the last four years of service (2008/09 to 2011/12) as a physical education teacher, as well as an analysis thereon. It can be regarded, therefore, as a critical reflection of my professional activity, in which the procedure of practice analysis is always related to these contexts: community, school, physical education and academic. This reflection is presented according to the dimensions of the Self-Assessment Report included in the Teachers' Assessment Process, namely: Professional, Social and Ethical Domain; Development of Teaching and Learning; School Participation and Relationship with the School Community; and Lifelong Personal Development and Professional Training. Each dimension comprises a number of domains that are addressed in order to better understand and systematize my performance in school and in the community. In the end, it is intended that this document serves as a reference for improvement of my professional practice, highlighting the positive aspects and those to improve or correct in each of the above dimensions.

Keywords: Physical Education, Teaching-Learning Process, Professional Development, School Performance Assessment.

Índice

1. Introdução	- 1 -
2. Contextualização	- 4 -
2.1. Escolas	- 8 -
2.2. Órgãos de Gestão e Administração Escolar	- 24 -
2.3. Grupo de Educação Física	- 27 -
2.4. Recursos	- 32 -
3. Caracterização e Análise da Atividade Profissional Desenvolvida	- 35 -
3.1. Dimensão Vertente Profissional Social e Ética	- 36 -
3.2. Dimensão Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem.....	- 38 -
3.2.1. Preparação e Organização das Atividades Letivas	- 38 -
3.2.2. Realização das Atividades Letivas	- 45 -
3.2.3. Relação Pedagógica com os Alunos	- 52 -
3.2.4. Processo de Avaliação das Aprendizagens dos Alunos	- 55 -
3.3. Dimensão Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa ..	- 60 -
3.3.1. Contributo para a Realização dos Objetivos e Metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de Atividades	- 60 -
3.3.2. Participação nas Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica e nos Órgãos de Administração e Gestão	- 65 -
3.4. Dimensão Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida	- 70 -
3.4.1. Formação Contínua e Desenvolvimento Profissional	- 70 -
4. Reflexão Final.....	- 74 -
5. Bibliografia	- 75 -

Índice de Anexos

Anexo 1 - Grelha Avaliação Inicial

Anexo 2 - Plano Anual de Turma

Anexo 3 - Protocolo de Avaliação

Anexo 4 - Plano de Aula

Anexo 5 - Esquema Aula 3º Período Letivo

Anexo 6 - Grelha de avaliação do 3º Período Letivo

Anexo 7 - Projeto Educação Física - Básico e Secundário

Anexo 8 - Ficha de Avaliação Acrobática

Anexo 9 - Grelha de Registo da Aptidão Física

Anexo 10 - Ficha de Autoavaliação - 1º e 2º Períodos

Anexo 11 - Ficha Autoavaliação - 3º Período

Anexo 12 - Certificado de Formação em Danças Sociais

Anexo 13 - Certificado Congresso Extraordinário Educação Física - julho 2012

Anexo 14 - Seminário “Métodos de Estudo – Como ensiná-los a estudar melhor”

Anexo 15 - Formação em Quadros Interativos

Anexo 16 - Formações Internas Escola Secundária José Gomes Ferreira

Anexo 17 - ADD - Vitor Vassalo - 2008-2009

Anexo 18 - ADD - Vitor Vassalo - 2009-2010

Anexo 19 - ADD - Vitor Vassalo - 2010-2011

Anexo 20 - ADD - Vitor Vassalo - 2011-2012

Anexo 21 - Registo Biográfico – Vitor Vassalo

Anexo 22 - Ficha Biográfica - Direção de Turma

Anexo 23 - Projeto Curricular de Turma - 8º C - julho 2010

1. Introdução

O presente documento constitui o Relatório Detalhado da Atividade Profissional, respeitante ao período de 2008/09 a 2011/12, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

O relatório tem como objetivo geral a descrição e reflexão contextualizada e fundamentada da atividade profissional no período supracitado, numa perspetiva integrada da experiência pessoal e profissional, com caráter retrospectivo e prospetivo.

A perceção de todo contexto escolar nas escolas onde lecionei, constituiu sempre um objetivo prioritário e primordial na abordagem a uma nova escola, conseguida através da consulta e estudo dos documentos de referência da escola, do departamento e do grupo disciplinar, com especial relevância para o Projeto Educativo de Escola e os Projetos Curricular e de Avaliação da Educação Física. Neste processo, houve sempre especial preocupação na articulação com as diversas estruturas escolares, bem como na partilha de conhecimentos e informações para iniciar o ano letivo com o máximo de pré-preparação possível.

Enquanto professor deparo-me sempre com variáveis complexas a acontecer em simultâneo, requerendo da minha parte uma gestão eficaz e rápida dos processos de decisão e de implementação e avaliação destas mesmas decisões. Cometi e continuo, certamente, a cometer alguns erros, consciente de que, mesmo quando os resultados são positivos, são sempre possíveis abordagens e decisões diferentes para um mesmo problema que produzam melhores resultados. Tenho sempre presente estes factos, o que me faz manter um processo de avaliação e reflexão constante sobre o meu trabalho que me permita encontrar caminhos para uma prática profissional cada vez mais competente.

Há objetivos individuais e de escola que têm sido transversais a todas as escolas onde lecionei. Não perder o foco nestes objetivos, tem sido, sem dúvida, um dos fatores mais importantes para o sucesso educativo, designadamente:

1. Melhoria dos resultados escolares usando, entre outras referências, os rankings dos mesmos a nível nacional e regional;
2. Redução do abandono escolar e da indisciplina, através de: a) Prestação de apoio a todos os alunos, com o objetivo de promover o seu desenvolvimento e o sucesso escolar, e em particular àqueles com

maiores dificuldades de aprendizagem; b) Realização das atividades definidas no âmbito dos planos de recuperação, acompanhamento e desenvolvimento dos alunos; c) Colaboração com o Conselho de Turma na definição e implementação de estratégias de atuação. Objetivos Específicos - Promover a aprendizagem autónoma dos alunos; Motivar os alunos para um maior envolvimento nas áreas curriculares; Promover a elaboração e desenvolvimento de estratégias, alterando-as sempre que se justifique necessário e benéfico para o(s) aluno(s);

3. Participação proativa - antecipando e perspetivando autonomamente os problemas e mobilizando os recursos necessários para os resolver de forma voluntariosa - nas estruturas de orientação educativa e nos órgãos de gestão, através de: a) Participação em reuniões de Conselho de Turma, Departamento, Grupo Disciplinar, Diretores de Turma, encarregados de educação e outras bem como o desempenho das tarefas inerentes aos cargos designados e assumidos com competência. Objetivos Específicos - Supervisionar e orientar os alunos; Promover a mediação escola-família; Promover e apoiar a cooperação e a partilha de experiência entre professores;
4. Promoção da relação com a comunidade e do envolvimento dos Pais e encarregados de educação. Objetivos Específicos - Promover a participação ativa dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos; Promover a relação escola-comunidade;
5. Formação contínua. Objetivos Específicos - Desenvolver e consolidar competências nas minhas áreas de atuação profissional; Promover a valorização pessoal;
6. Participação e dinamização de projetos e atividades constantes do Plano Anual de Atividades e Projeto Curricular de Turma. Objetivos Específicos - Organizar, promover e dinamizar as atividades planeadas com competência; Promover a participação dos alunos nas atividades de forma séria e construtiva, de acordo com os valores e normas vigentes na sociedade, com ênfase nos princípios de ética desportiva e os valores inerentes a uma atividade desportiva e escolar;
7. Participação e dinamização em projetos de escola e atividades extracurriculares. Objetivos Específicos - Contribuir para o desenvolvimento pessoal e integração na sociedade dos alunos com

Necessidades Educativas Especiais; Contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos do grupo-equipa do Desporto Escolar, cultivando valores como o espírito de entreajuda, o respeito pelo próximo, a coragem, a amizade, a autonomia, a autossuperação, o *fair-play* e o desportivismo; Contribuir para a construção de uma cultura de escola; Promover a escola junto da comunidade escolar.

Na elaboração deste relatório, partirei de uma contextualização onde irei abordar a Escola, os Órgãos de Gestão e Administração Escolar, o Grupo de Educação Física e os Recursos existentes em cada escola, para uma caracterização e análise da atividade profissional desenvolvida. Este ponto será analisado de acordo com as Dimensões e respetivos Domínios do Relatório de Autoavaliação do Processo de Avaliação de Professores.

A Dimensão Vertente Profissional Social e Ética está sempre intrinsecamente presente em todas as outras dimensões uma vez que a conduta de um profissional e os valores morais e éticos inerentes a uma profissão são transversais a todos os seus campos de ação. Sendo assim, esta dimensão será analisada conjuntamente com as Dimensões subsequentes, uma vez que os Domínios presentes nesta Dimensão consubstanciam-se, cada um deles, nas Dimensões seguintes.

Na Dimensão Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem serão analisados os Domínios: preparação e organização das atividades letivas, realização das atividades letivas, relação pedagógica com os alunos e processo de avaliação das aprendizagens dos alunos.

Relativamente à Dimensão Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa, refletirei sobre o meu contributo para a realização dos objetivos e metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de Atividades, bem como sobre a minha participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de administração e gestão.

Por fim, na Dimensão Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida, será analisado o Domínio formação contínua e desenvolvimento profissional, focando todas as atividades e iniciativas que contribuíram para um melhor desempenho na minha profissão através da consolidação ou aquisição de competências.

Na abordagem das temáticas a que me proponho, adotarei uma análise crítica e projetiva dos aspetos abordados, fundamentada, sempre que possível, na revisão bibliográfica que considere adequada.

2. Contextualização

Para o conhecimento e correto entendimento da realidade escolar, é necessário apreender todas as suas dimensões com o máximo de abrangência possível. Este processo permite tomadas de decisão fundamentadas e conscientes. No caso da educação, o professor deverá conhecer muito bem o contexto escolar para que, com competência, possa atuar a três níveis - “Nível Macro: tarefas de interação com o contexto sociocultural; Nível Meso: tarefas no contexto da instituição (Escola); Nível Micro: tarefas relacionadas com o ensino” (UNESCO, 1980).

Nos últimos quatro anos lecionei nas seguintes escolas: a) Escola Secundária Mães D'Água, Falagueira, Amadora – 2008/09; b) Escola Básica 2/3 dos Castanheiros, Caneças, Odivelas – 2009/10 e 2010/11; e, c) Escola Secundária José Gomes Ferreira, Benfica, Lisboa – 2011/12.

Para o cumprimento deste ponto usei os dados constantes dos projetos educativos das três escolas que estavam em vigor nos períodos acima mencionados.

Escola Secundária Mães D'Água

Na Escola Secundária Mães D'Água, lecionei três anos letivos, em continuidade pedagógica, no período de 2006 a 2009.

A escola localiza-se na freguesia da Falagueira, um dos núcleos mais antigos do Concelho da Amadora, enquadrando-se num contexto urbano periférico, dada a proximidade de Lisboa. Encontra-se num meio que cresceu anarquicamente, sem as infraestruturas necessárias, com bairros degradados e com problemas de natureza habitacional, de inserção social, de segurança e de ordem socioeconómica, que refletem os problemas comuns das cidades periféricas. A maioria das famílias possui um nível sociocultural baixo e médio baixo, que se reflete no processo ensino–aprendizagem, sendo parte significativa da população escolar e originária dos PALOP.

A escola tem como missão, no seu projeto educativo, dar uma resposta, com qualidade, às exigências e às expectativas dessas famílias e da sociedade.

Nasci e fui criado neste concelho e sei que as expectativas das famílias, especialmente as de poucos recursos económicos, em relação à escola centram-se mais na necessidade de providenciar supervisão e alimentação aos seus educandos do que propriamente no sucesso educativo. Penso que a forma da escola contornar este problema é, de facto, adaptar-se a esta realidade respondendo o melhor que puder a estas expectativas para evitar o abandono escolar e uma eventual rotura com a comunidade. Satisfeito este requisito, a escola abre portas para cumprir o seu primordial papel: educar e formar cidadãos conscientes, preparando-os para uma futura profissão e inserção harmoniosa na sociedade. Este conhecimento foi fundamental para a minha conduta na escola, tentando sempre aproximar-me dos alunos e da sua realidade particular, sendo esta ação de primordial importância como estratégia para os cativar para as matérias inerentes à disciplina que leciono.

O Concelho da Amadora está inserido no distrito de Lisboa; tem uma área de 23,8km², distribuídos por 11 freguesias, onde habitam cerca de 1,78% da população nacional, isto é, com uma densidade populacional de 7393 habitantes por km². Entre 1950 e 1970, assistiu-se a uma autêntica explosão demográfica na Amadora que atingiu nos anos 50 a mais elevada taxa de crescimento de toda a região de Lisboa. Esta situação deriva de vários fatores, nomeadamente: a melhoria das infraestruturas de transporte da região; a eletrificação da linha de caminho de ferro; e, os largos contingentes migratórios que afluem à Amadora, atraídos pela criação de novos postos de trabalho nas indústrias e serviços que aí se instalaram. No entanto, a escassez verificada no mercado da habitação, aliada à especulação imobiliária na capital, conduziram a um crescimento desgovernado nas periferias, a que a Amadora não foi exceção. Na sequência, começaram a desenvolver-se bairros clandestinos que constituíram o sub-mercado ilegal a que a população menos favorecida economicamente tinha acesso. No início da década de 70, a população residente na Amadora provinha principalmente de Lisboa, Alentejo, Beiras, zona centro do país e Cabo Verde (na altura ainda Colónia Portuguesa). Este município foi criado após o 25 de abril de 1974, deixando de ser uma freguesia do Concelho de Oeiras a 11 de setembro de 1989. Outrora considerada uma cidade dormitório, a Amadora passou por um processo de autonomização em relação à capital que culminou na criação gradual de uma vida própria. Atualmente, o município encontra-se dotado de diversos equipamentos culturais, desportivos e serviços públicos ao dispor da população. Os investimentos na habitação, na educação e na rede viária do município são pólos de desenvolvimento e de investimento na cidade.

A freguesia da Falagueira, onde se insere a escola, confina com as freguesias da Brandoa, Venda Nova, Mina e São Brás. A extensão da rede do metropolitano, com uma estação nas proximidades da escola, tem vindo a fomentar o aparecimento de mais uma polaridade de urbanização com características diferentes, em termos socioculturais, das que tradicionalmente se instalavam na periferia da escola.

Escola Básica 2/3 dos Castanheiros

Na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros, lecionei dois anos letivos, em continuidade pedagógica, no período de 2009 a 2011.

A Escola Básica 2/3 dos Castanheiros surgiu em 1976 por iniciativa da população local. Começou a funcionar nas instalações de uma das tradicionais fontes de Caneças - a dos Castanheiros. Em 1989, no dia 22 de abril, foram inauguradas as atuais instalações.

A escola situa-se na freguesia de Caneças, integrada no Concelho de Odivelas, Distrito de Lisboa. Este Concelho possui uma área de 27,65km² e inclui as freguesias de Caneças, Famões, Odivelas, Olival Basto, Pontinha, Póvoa de Santo Adrião e Ramada. Caneças é a maior freguesia, em área, do Concelho de Odivelas, com uma superfície de 5,89km² e confina com as freguesias de Loures, Ramada, Famões, Casal de Cambra e Almargem do Bispo.

Caneças é uma povoação muito antiga, permanecendo a origem do seu nome envolvida num certo mistério de lendas e histórias. No ano de 1915 esta localidade adquiriu o estatuto de freguesia de Loures. Foi elevada à categoria de vila em 16 de agosto de 1991. As famosas fontes das Fontainhas, Piçarras, Castanheiros, Passarinhos e Castelo de Vide, conjuntamente com as lavadeiras, os aguadeiros e os viveiristas, traduziram atividades económicas importantes e são, agora, símbolos da história cultural da terra.

A população escolar é heterogénea mas predominantemente de uma classe social média baixa, refletindo a história desta pequena freguesia que, atualmente, poder-se-ia definir como suburbana-rural. Verifica-se que cerca de 12% da população residente é natural de outras regiões do país ou descende delas, com ênfase na população dos PALOP. Em consequência do aumento do número de famílias com recursos económicos baixos, conjuntamente com a precariedade económica e dos vínculos laborais, tem-se

constatado um aumento da segregação e do risco de conflituosidade, que se reflete no contexto escolar.

Além dos problemas comuns à população estudantil das zonas limítrofes de Lisboa, a escola caracteriza-se, igualmente, por receber alunos oriundos de instituições de solidariedade social (órfãos, abandonados ou retirados às famílias consideradas de risco), factos que condicionam um aumento gradual de casos sociais graves e problemáticos, que se refletem no processo de ensino-aprendizagem.

Um objetivo que considerei fulcral para o bom funcionamento da entidade turma foi o de minimizar os efeitos de discriminação, segregação e desconforto, resultantes das diferenças sociais, económicas e culturais destes alunos, uma vez que se tratavam de diferenças muito acentuadas. Para o cumprimento deste objetivo recorri à implementação de regras de conduta específicas para a disciplina bem como a ações de promoção do conhecimento, valorização e respeito pelo outro. Estas estratégias revelaram-se muito importantes para o sucesso na minha disciplina.

Escola Secundária José Gomes Ferreira

Durante o ano letivo 2011/12, lecionei na Escola Secundária José Gomes Ferreira.

Em edifício da autoria de Hestnes Ferreira, agraciado com o prémio Valmor em 1982, a Escola Secundária José Gomes Ferreira, situada na Freguesia de Benfica, Lisboa, iniciou a sua atividade em 20 de novembro de 1980, com o nome de Escola Secundária de Benfica, vindo a adotar a sua designação atual em 1990.

A freguesia de Benfica era uma aldeia de camponeses (os Saloios), onde abundavam hortas, pomares e jardins. Com eles também algumas ordens religiosas se instalavam no território. A partir de 1730 verificou-se um grande aumento demográfico em consequência dos trabalhos da construção do Aqueduto das Águas Livres, que se iniciaram nesse período, bem como do afluxo das novas classes abastadas que foram fortemente atraídas para a zona. O aparecimento de ligações de transportes públicos condicionou um crescimento veloz e deliberado, com o advento de novas populações que contribuíram para uma maior riqueza e desenvolvimento da freguesia. Na década de 50 habitavam na área 17843 pessoas que cresceram para 50000 em quarenta anos. Nos últimos dez anos do século XX assiste-se a uma diminuição da população para 42000

habitantes devido ao envelhecimento da população e à emigração dos jovens para zonas suburbanas da cidade.

A escola tem sido uma referência de ensino a nível nacional, sendo muito procurada pelas famílias residentes na capital ou no redor desta. Grande parte dos alunos não pertence à freguesia e é oriunda de famílias estruturadas e socioeconomicamente estáveis. A população escolar é homogénea e em grande parte de nacionalidade e ascendência portuguesa.

Nesta escola, sem dúvida, que o principal desígnio assumido por mim foi o de proporcionar as condições necessárias para que os meus alunos pudessem atingir níveis de excelência na minha disciplina, uma vez que para uma expressiva parte dos alunos os requisitos para tal estavam reunidos.

2.1. Escolas

A escola é um lugar constituído por uma rede de habitantes, de ocupações e de relações cuja figura de necessidade é a educação. Por ser configurada por esta necessidade específica de educar, a escola apresenta uma lógica própria, uma ecologia.

A base nuclear desta conceção de escola é a matriz relacional professor-aluno própria do ato educativo, radicada na noção de autoridade do professor fundada no conhecimento, na experiência de vida e no cometimento da função educativa. Assim, o núcleo estruturante da escola é a aula, em torno da qual, numa relação de coerência, se expande a vivência escolar. Ao ponderar a aula como detentora de uma significação nuclear, muito específica e muito forte, no complexo de relações em que a escola se constitui, a escola preserva a matriz relacional professor-aluno atrás referida, não a diluindo. Assim, a qualidade da relação professor-aluno que for constituída na aula pela competência do professor e pelo trabalho do aluno, será determinante para configurar o conjunto alargado de agentes e de ações que, na escola, se manifestam e se cumprem.

Sempre que iniciei a minha atividade numa escola nova comecei por centrar-me principalmente no seu Projeto Educativo para uma primeira abordagem da mesma no período de preparação que antecede as atividades letivas. A aquisição deste conhecimento vai ser fundamental para uma melhor integração de toda a informação que vai ser veiculada nos Conselhos de Turma, reuniões de grupo e de departamento e que, posteriormente, será usada para o planeamento das aulas com as diferentes turmas.

O Projeto Educativo é um “documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão (...), no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa” (Decreto-lei nº 75/2008 de 22 de abril).

O Projeto Educativo visa potenciar a coesão da escola, tentando criar uma espécie de “cultura de escola”, às vezes difícil de consolidar devido à disparidade de interesses entre os vários intervenientes, dependendo o seu sucesso da capacidade que a escola tiver para mobilizar recursos e vontades e saber definir o seu percurso.

O Projeto Educativo apresenta-se como um fator de inovação fundamental da política interna da escola, cujo objetivo será a clarificação das linhas orientadoras e conceptuais da política educativa do país. Desta forma, será um instrumento fundamental de suporte ao planeamento e desenvolvimento da escola.

Este projeto é um instrumento de orientação estratégica que deve ter em conta a análise das realidades e necessidades da escola, inserida nos respetivos contextos culturais e sociais.

De seguida apresentarei uma caracterização das escolas tendo por base a consulta do Projeto Educativo de cada uma.

Escola Secundária Mães D'Água

A Escola Secundária Mães D'Água deve o seu nome ao facto de ter no interior do seu perímetro parte do aqueduto subterrâneo da Galega, subsidiário do aqueduto das Águas Livres (do qual ainda há memória, concretizada nos dois respiradouros existentes na sua área), e de se encontrar num concelho tradicionalmente fornecedor de água a Lisboa.

A escola foi criada em resposta às necessidades geradas por uma população escolar crescente que, no concelho, se traduzia numa superlotação das escolas existentes. Consequentemente, foi inserida num plano de "emergência" que levou à sua construção num tempo recorde.

Tornou-se "autónoma" a partir de 1 de outubro de 1985 com uma Comissão Instaladora e elegeu o seu primeiro Conselho Diretivo no ano letivo de 1987/88.

A escola tinha então alargado os níveis que lecionava ao 11º ano (o ensino secundário iniciara-se no ano anterior com 5 turmas do 10º ano) e contava com 1753 alunos. Continuava, no entanto, a ser uma escola predominantemente de ensino unificado e nem mesmo a introdução do 12º ano (4 turmas), no ano letivo de 1992/93, alterou esta situação.

A preocupação em alargar as ofertas da Escola e em criar alternativas para os alunos levou à abertura dos cursos técnico-profissionais de Mecanotecnia e de Técnicas de Secretariado, respetivamente nos anos de 1988/89 e 1991/92. Esta vertente reforçou-se após a entrada em vigor da Reforma do Sistema Educativo, com a introdução de cursos orientados para a vida ativa, como foram os Tecnológicos de Mecânica, de Design e de Administração.

A vocação da Escola para o Ensino Secundário e a abertura de novas Escolas do Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo Letivo no concelho levou à redução do número de turmas do Ensino Básico, a partir do ano letivo de 1994/95.

A escola é constituída por 120 docentes e conta ainda com o apoio de um psicólogo no Serviço de Psicologia e Orientação. Existe também supervisão pedagógica nas disciplinas de Português, Francês e Informática. A segurança está a cargo de dois elementos do gabinete de segurança do Ministério da Educação.

A escola tem contado sempre com 900 a 1000 alunos matriculados em cada ano letivo. Tem-se notado, ao longo dos anos, um aumento de alunos de outras culturas, tornando-se a escola um ponto de encontro multicultural. Os discentes de outras culturas são oriundos dos seguintes países: Guiné Bissau, Angola, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Roménia, Paquistão e Ucrânia.

A oferta educativa compõe-se de: cursos regulares do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Cursos Profissionais e Tecnológicos e Cursos de Educação e Formação de Tipo I e II.

A escola possui dez pavilhões, sendo um gimnodesportivo.

O Projeto Educativo de Escola define, como grandes linhas estratégicas orientadoras da política da escola:

Instruir – A escola tem como missão principal a transmissão/aquisição de conhecimentos, por um lado, e o desenvolvimento de competências, por outro, de modo a permitir ao aluno assumir atitudes necessárias à compreensão do mundo e consolidar o gosto pelo saber, para que prossiga a aprendizagem ao longo da vida;

Socializar – A escola, fator de coesão social pela igualdade de oportunidades e pela prática de inclusão, deve transmitir os valores sobre os quais se funda a nossa sociedade democrática (a igualdade, os direitos e liberdades fundamentais, o respeito pelo outro, a justiça e inclusão social, a cooperação, a solidariedade, a preservação e recuperação do ambiente) e deve, igualmente, promover o exercício responsável da cidadania;

Qualificar - A escola deve possibilitar aos alunos a transição para um nível superior de ensino, para continuarem a sua formação, com vista a uma mestria profissional, ou a aquisição de competências profissionais que lhe permitam a integração no mercado de trabalho.

A escola tem como referência principal a manutenção e desenvolvimento dos seguintes princípios e valores:

Autonomia - capacidade de enfrentar os problemas complexos inerentes à realidade multifacetada, com que diariamente a escola se confronta;

Cooperação - capacidade de tornar uma comunidade educativa dinâmica, integrada e que almeje o bem-estar e o sucesso de todos os seus intervenientes;

Empenho - capacidade da perseverança no trabalho e na prossecução dos fins inerentes à educação;

Formação pessoal e social - assumir o papel fundamental no desenvolvimento da personalidade, de modo a que cada indivíduo goze de uma vida saudável e possa exercer a cidadania plena, no respeito pelos valores da democracia, da solidariedade social e do ambiente;

Respeito por si e pelos outros - respeitar os outros, é respeitar as diferenças; é respeitar as hierarquias e os pares; é respeitar os bens materiais, a natureza, a cultura, as normas e regulamentos e todos os elementos da comunidade educativa.

Cumprindo a missão definida e tendo como referência os princípios e valores enunciados, visa-se atingir, os seguintes objetivos:

- Implementar um sistema de autoavaliação contribuindo para a melhoria contínua da Escola;
- Promover um trabalho de equipa dos professores de todos os ciclos em estreita articulação;
- Sinalizar, prevenir e reduzir significativamente as situações de indisciplina;

- Diminuir a taxa de insucesso escolar;
- Promover a qualidade do ensino, tanto a nível do prosseguimento de estudos, como das ofertas diferenciadas mais vocacionadas para a inserção profissional;
- Estimular o desenvolvimento profissional do pessoal docente e não docente;
- Diagnosticar as necessidades de formação do pessoal docente e não docente;
- Elaborar um plano de formação que parta dos objetivos do projeto educativo e das situações problemáticas identificadas;
- Divulgar e realizar ações de formação;
- Operacionalizar o plano tecnológico de forma integrada e transversal a todos os domínios relacionados com a modernização do sistema educativo em Portugal.

Os problemas diagnosticados em todos os níveis de ensino foram os seguintes:

1. Insucesso, absentismo e abandono escolar;
2. Insuficiente domínio das competências básicas nas disciplinas de Português e Matemática;
3. Insuficiente aplicação das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem;
4. Fraca articulação entre os diferentes ciclos;
5. Problemas de relacionamento interpessoal na comunidade educativa;
6. Dificuldade em respeitar regras;
7. Dificuldades de aceitação de culturas diferentes;
8. Problemas socioeconómicos que se refletem no processo ensino-aprendizagem;
9. Fraca participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos;
10. Desvalorização da instituição escola;
11. Baixo nível de escolaridade dos encarregados de educação.

Dentro dos problemas identificados alguns tornaram-se bastante evidentes enquanto professor da disciplina de Educação Física como, por exemplo, a dificuldade de aceitar as regras e a multiculturalidade, incapacidade para o relacionamento interpessoal

respeitoso e a desvalorização da instituição escola. Investi muito nestes aspetos dentro e fora da sala de aula, através do diálogo constante com os alunos sobre estes temas e da implementação de regras específicas da disciplina que contribuíssem para um bom desenrolar do processo pedagógico e em última análise para um bom clima de aula.

A formação interna que realizei no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação, nomeadamente sobre Quadros Interativos foi de encontro a uma necessidade identificada pela escola.

Escola Básica 2/3 dos Castanheiros

O núcleo da escola é, atualmente, constituído por 4 blocos, balneários e um pavilhão provisório (bloco E), rodeados por uma zona ajardinada. Dispõe ainda de áreas ao ar livre e campo de jogos. Não tem Pavilhão Gimnodesportivo.

É bastante heterogéneo o meio onde esta escola se insere, tanto no aspeto socioeconómico como cultural.

Verifica-se que uma percentagem significativa da população residente é natural de outras regiões do país ou descende delas. É de salientar, nos últimos anos, o número crescente de população oriunda, numa fase inicial, essencialmente dos PALOP. Atualmente a diversidade dos países de origem é enorme: Brasil, China, países de Leste, Paquistão, entre outros. Este fluxo de pessoas relaciona-se com a procura de trabalho na zona de Lisboa. A estas novas características demográficas tem-se aliado a crescente precariedade da economia e dos vínculos laborais, havendo um aumento do número de famílias com fracos recursos económicos, assim como a consequente segregação e o risco de conflituosidade.

A escola recebe alunos provenientes dos Bairros de Caneças, de Casal Novo e de Ponte da Bica (Concelho de Odivelas) e das localidades de Dona Maria, Camarões e Aruil (Concelho de Sintra). Os alunos destas escolas são provenientes de uma zona que, embora há algum tempo se revestisse de características marcadamente rurais, hoje alberga uma população que se desloca diariamente para os grandes aglomerados urbanos mais próximos, onde trabalha.

O grau de instrução da maioria das famílias é reduzido e a sua expectativa em relação à escola também não é grande. Além destes problemas, comuns à população estudantil das zonas limítrofes de Lisboa, esta escola recebe alunos oriundos de

instituições de solidariedade social, jovens que são órfãos, abandonados ou retirados às famílias consideradas de risco.

O nível etário dos alunos varia entre os 9 e os 17 anos, sendo provenientes, na sua maioria, das classes média-baixa e baixa, havendo um aumento gradual de casos sociais graves e problemáticos que se reflete na aprendizagem.

Os casos de comportamentos desviantes têm aumentado. A transversalidade da desagregação familiar, desemprego e trabalho precário, entre muitas outras razões, são elementos potenciadores da falta de apoio e acompanhamento por parte das famílias, o que dificulta a aquisição de regras básicas de educação e de convivência social por parte dos alunos.

Foi identificado um elevado número de alunos com dificuldades ao nível da funcionalidade, que advêm de problemas intelectuais. Grande parte destes jovens são institucionalizados e outros provêm de famílias que coexistem localmente, identificadas como disfuncionais e/ou sem recursos para prestar cuidados básicos aos seus filhos. Algumas destas famílias viram já os filhos serem retirados pela Segurança Social.

O número mais elevado de alunos com necessidades educativas especiais apresenta adequações no processo de avaliação, logo seguido de um número também acentuado de alunos com apoio pedagógico personalizado e adequações curriculares individuais. Refira-se ainda que a escola, sem unidades de ensino estruturado, recebe um considerável número de alunos com deficiência mental, pelo que tem ainda de gerir currículo de alguns alunos com a medida prevista na *alínea e) do artigo 16º do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro*.

A análise do sucesso educativo verificada no 3º Ciclo apresentava uma taxa de transição de 88%. Registou-se uma diminuição do sucesso, ao nível do 7º e do 8º ano.

Em relação ao 9º ano, a análise dos resultados da avaliação interna permite concluir que houve uma melhoria na generalidade das disciplinas no que respeita ao sucesso escolar.

É de salientar a diferença, para pior, existente entre a média da escola e a média nacional, principalmente no que respeita à disciplina de Matemática.

É visível que grande parte dos encarregados de educação desenvolve a sua atividade fora do local de residência, pelo que os educandos ficam, grande parte do tempo, entregues a si próprios, refletindo-se esta situação no seu aproveitamento e comportamento. O acompanhamento da vida escolar dos discentes por parte dos

encarregados de educação não denota, no geral, um empenho ativo e organizado. Tal facto poderá justificar-se pela generalizada falta de tempo, transversal à nossa sociedade, e pelas expectativas que reduzem a escola a um agente meramente instrutivo.

Verifica-se que, nem sempre quando solicitados a comparecer na escola, os encarregados de educação respondem de forma positiva, refletindo-se isso no comportamento dos seus educandos.

Os pais dos alunos, na maioria dos casos, exercem profissões relacionadas com o setor terciário e o seu nível de escolaridade não ultrapassa na maioria o 3º ciclo.

Podemos identificar como pontos fortes:

- O elevado grau de satisfação de todos os elementos da comunidade educativa em relação à escola;
- A gestão empenhada, motivada e competente da Direção;
- O bom clima relacional entre os elementos da comunidade educativa;
- O reconhecimento da existência de um corpo docente empenhado e esforçado por parte de alunos e encarregados de educação;
- A estabilidade do corpo docente e não docente;
- O bom funcionamento dos Departamentos Curriculares/Grupos Disciplinares/Conselho de Docentes;
- O reconhecimento do bom desempenho dos Diretores de Turma;
- O bom funcionamento dos Conselhos de Turma;
- O apoio prestado (APA/Apoio Socioeducativo) aos alunos com dificuldades de aprendizagem que se traduz no sucesso educativo dos mesmos.

Os pontos fracos/condicionantes identificados são os seguintes:

- A nível Socioeconómico, Cultural e Pedagógico:

Elevado número de alunos com falta de hábitos de trabalho e de empenho, falta de treino na memorização, deficiências organizacionais e de métodos de estudo e vocabulário reduzido; défice de conhecimento de valores; aumento do número de casos de comportamentos desajustados/desviantes; baixas expectativas dos alunos relativamente ao seu futuro profissional; alheamento das famílias face à vida da escola; degradação social e económica das famílias; situações de exclusão social; aumento de situações de desestruturação familiar e, mais recentemente, de multiculturalidade.

- A nível dos Espaços Físicos e Equipamentos:

Ausência de espaços e condições de trabalho - gabinetes de trabalho/espços para atividades; degradação das condições construtivas; ausência de polidesportivo coberto; insuficiência de espaços exteriores cobertos; ausência de equipamentos informáticos e audiovisuais nas salas de aula; maus acessos à escola e ausência de laboratórios; falta de segurança nos espaços exteriores às escolas.

- A nível de recursos humanos:

Falta de recursos humanos para vigiar e encaminhar os alunos dentro da escola durante a sua permanência; insuficiência de professores de apoio e técnicos especializados; elevado número de tarefas a realizar, cometidas ao professor.

- Vertente Administrativa e Financeira:

Insuficiência de recursos para colmatar todas as necessidades – reapetrechamento didático, projetos, visitas de estudo, manutenção do recinto escolar da escola sede.

Cabe aqui salientar que nesta escola a reflexão sobre os problemas acima identificados incide pouco sobre as estruturas internas da escola e como estas, sendo incapazes de os resolver, podem igualmente ser um dos seus condicionantes. Todos os anos o problema da inexistência de pavilhão de Educação Física é identificado. No entanto, quando sugeri começarmos por abordar o problema formalmente comunicando com a Direção e a Câmara Municipal de Odivelas, o grupo de Educação Física não se mostrou particularmente disponível para abraçar este desafio. Considero este um bom exemplo de como sem uma atitude de reflexão interna das estruturas da escola que se consubstanciem em novas ações e mudanças e que, conseqüentemente, acabem por catalisar os alunos para a escola nunca se conseguirá verdadeiramente colmatar a maior parte dos problemas acima identificados.

As carências socioeconómicas e culturais dos alunos e das respetivas famílias, a falta de qualidade e o estado de manutenção/conservação das instalações, a inexistência de algumas infraestruturas e os recursos insuficientes, são constrangimentos difíceis de contornar.

No entanto, o reforço constante das parcerias entre a escola e as várias instituições e poderes locais poderá constituir-se como mais uma porta para o sucesso educativo.

Destacam-se como problemas prioritários:

1. O aumento da indisciplina, em contexto de sala de aula e fora desta, que se tem revelado perturbadora do processo de ensino-aprendizagem;
2. A discrepância entre os resultados académicos da avaliação interna e da avaliação externa;
3. Elevado número de retenções nos anos não terminais do 3º Ciclo;
4. O fraco envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos;
5. Deterioração dos espaços físicos da escola;
6. Fraco envolvimento dos encarregados de educação na Associação de Pais e a pouca divulgação do trabalho realizado por esta estrutura;
7. O sentimento de insegurança manifestado pelos alunos e encarregados de educação;
8. A oferta de formação insuficiente para os professores, nomeadamente no que respeita ao quadro interativo;
9. A pouca divulgação dos Clubes e da Sala de Estudo junto dos alunos e encarregados de educação.

Com base em valores como a exigência e o rigor, a democracia, a solidariedade, a tolerância e a justiça, a escola traçou como missão, assegurar um ensino de qualidade nas dimensões humana, cultural, científica, técnica e de cidadania, formando homens e mulheres, capazes de responder às exigências do seu tempo, de respeitar a diversidade e de promover cultura, tendo por base os seguintes princípios:

- Promover um processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno e que observe as circunstâncias sociais e culturais do meio, responsabilizando os diferentes atores no processo – alunos, famílias, docentes e não docentes, órgãos de gestão;
- Criar condições que permitam a existência de uma elevada participação, convivência e bem-estar, entre todos os elementos que compõem a comunidade educativa;

- Promover uma cultura de escola inclusiva, reconhecendo e respeitando a diferença;
- Potenciar o trabalho de equipa e partilha de informações, experiências e saberes, valorizando a comunicação e a cooperação entre unidades orgânicas, dirigentes e trabalhadores;
- Liderança/gestão democrática - negociação na tomada de decisões.

Escola Secundária José Gomes Ferreira

O Projeto Educativo da Escola Secundária José Gomes assenta fundamentalmente na defesa da qualidade e do rigor do ensino, na atenção e empenhamento postos na educação dos alunos e na responsabilização por aprendizagens significativas.

A tónica desta escola é, pelo acima exposto, colocada nos professores, assumindo-se que esta é a melhor forma de evidenciar a importância fulcral que a escola atribui aos seus alunos: uma escola preocupada em dar-lhes um lugar que seja o da exigência de um ensino/educação de qualidade, reconhecendo-lhes a capacidade de valorizarem e corresponderem de modo construtivo às oportunidades que a escola lhes abre. Tal não significa que se espere dos alunos e seus encarregados de educação um papel meramente recetivo e passivo; pelo contrário, exige da sua parte uma atitude participativa, empenhada e responsável.

O edifício escolar e o espaço que o envolve apresentam características particulares, que os distinguem da generalidade padronizada dos edifícios escolares (à qual as duas escolas descritas anteriormente pertencem). Enquadram-se em critérios arquitetónicos de ordem estética que os configuram como lugar reconhecido positivamente e ultrapassam o esquematismo da necessidade e da funcionalidade. Estas particularidades arquitetónicas que tornam a escola muito diferente de qualquer outra em Portugal contribuem, na minha opinião, para uma forte identificação dos alunos com a escola e consequente sedimentação de uma cultura muito própria: elitista e focada numa diferenciação competitiva pelos resultados escolares.

O espaço em que o edifício está implantado é claramente diferenciado da malha urbana local, apresenta um perímetro extenso, não é plano e está muito exposto às condições climáticas de calor/frio e luz/escurecimento. A frente da escola apresenta-se relvada e arborizada. Quanto às traseiras do edifício escolar, uma parte do terreno

encontra-se sem qualquer tratamento no sentido da sua habitabilidade ou circulação e o campo de jogos não se encontra em bom estado.

Os espaços para letivos, destinados a professores, estão apetrechados com material informático para a realização de trabalho colaborativo entre professores de um mesmo grupo disciplinar.

A escola não tem cantina. Durante toda a sua existência tem arrastado este problema, procurando minorá-lo através de estratégias de adaptação que, no entanto, apresentam notáveis insuficiências.

O bloco central da escola (Bloco C), cuja funcionalidade específica se reparte pela administração/gestão/atos cerimoniais/atividades culturais/ Biblioteca-CRE, é claramente dominado pela existência de um amplo auditório, com grande capacidade de lotação. É um lugar multifacetado: simultaneamente auditório, trajeto de circulação interna, confluência do Núcleo de Rádio, de Clubes, sala da Associação de Estudantes, Biblioteca/CRE e lugar de permanência/recreio/diversão dos alunos durante os intervalos.

A Biblioteca/CRE/Sala de Estudo ocupa um espaço central da escola, de fácil acesso. O espaço de circulação que envolve a Biblioteca e o Auditório é amplo e possibilita a realização de exposições.

O Pavilhão Gimnodesportivo encontra-se afastado dos restantes edifícios, apresenta boas condições para o desenvolvimento das atividades de Educação Física e Desporto Escolar, quer ao nível dos espaços de aula, quer ao nível de salas de apoio – balneários, gabinete de professores, arrecadações. Os principais problemas situam-se ao nível das condições acústicas, do piso e de algum equipamento que, desgastado por 27 anos de uso, necessita de ser substituído. Tem uma utilização diurna por parte da escola e noturna mediante aluguer a coletividades da zona.

Não há registo de episódios graves quanto à segurança vivida no edifício e espaço escolares. Não obstante uma ou outra ocorrência de carácter ligeiro, vive-se na escola um ambiente de tranquilidade.

Em conclusão, posso afirmar que o edifício e espaço escolares são um valor pedagógico positivo, quer pela sua valia estética, quer pela atenção concedida à multiplicidade e diversidade das vivências escolares, nomeadamente as culturais e desportivas, não deixando de apresentar também algumas fragilidades funcionais e ambientais.

Num contexto de alterações constantes do sistema educativo, a escola mantém traços de estabilidade governativa e laboral: a equipa diretiva permanece a mesma há 10 anos; 65% do seu corpo docente e do corpo de auxiliares de educação não mudou nos últimos 15 anos; quanto aos funcionários administrativos é mais elevado o seu índice de mudança, mas tal não tem prejudicado um progressivo aperfeiçoamento das suas funções. A predominância desta estabilidade tem propiciado a constituição de uma cultura de escola, nomeadamente algumas tradições de carácter organizativo e cultural, mantidas numa linha de desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Esta estabilidade e serenidade por parte da direção, o suporte que dá aos docentes e a relação de mútua confiança que cultiva com os mesmos, foram fundamentais para a minha plena integração e sucesso nesta escola. Senti sempre que os meus passos eram apoiados e que o caminho que percorria tinha uma orientação e desígnio, fruto de uma dinâmica de escola verdadeiramente instituída.

A dimensão da base de apoio à direção é extremamente significativa e permanece há 17 anos a esta parte. Verifica-se ainda que a presença da direção é muito sentida, nos vários momentos e lugares de funcionamento da escola.

Por outro lado, pelo facto de ter nascido e se ter desenvolvido num contexto de constante reformismo, a escola “habitou-se” ao confronto com constantes desafios para mudanças e de certo modo interiorizou o gosto pela novidade, em detrimento do acautelar da herança, da experiência e da memória.

Na relação contextual com a comunidade populacional em que se insere, verifica-se que, apesar da perda demográfica de população escolar, a escola mantém, sem grandes oscilações, o seu número de alunos, dado importante, sobretudo se o compararmos com as situações vividas em outras escolas da mesma zona.

Sabendo quão difícil é medir a qualidade da função docente de ensinar/educar, podemos, não obstante, tomar como indicadores, os resultados dos alunos em provas externas; a manifestação de gosto/procura da escola para os seus filhos, por parte das famílias; e um somatório de impressões difusas proporcionadas pelo quotidiano da vivência escolar, para podermos afirmar a existência da preocupação com a procura da qualidade do ensino, por parte dos professores.

As linhas e estruturas organizativas e coordenadoras, que servem de base para o funcionamento do corpo docente, são as que estão consagradas no seu Regulamento Interno, dentro da legalidade vigente, sem que se verifique margem significativa de

personalização ou adaptação. O corpo docente é empenhado no seu processo de formação.

A escola é frequentada por alunos do 7º ao 12º ano de escolaridade. Dito de outro modo: nela convivem e desejavelmente cooperam pessoas que vão dos 11 aos 18 anos de idade, originando um complexo de fatores que, naturalmente, terão sempre as suas consequências, mas que podem ser tomados como base de atenção reflexiva e pedagógica. Sendo assim, em termos de percurso escolar dos alunos, existe uma clara diferenciação entre os que frequentam o último ciclo da escolaridade obrigatória (3º ciclo do Ensino Básico) e os que frequentam o ciclo de estudos vocacionais (Ensino Secundário) a caminho do Ensino Superior. Em termos quantitativos o Ensino Secundário é predominante. Na transição entre o Ensino Básico e o Ensino Secundário, não se verificam, de um modo geral, perdas significativas, nem por reprovação, nem por abandono. A existência desta diferenciação no corpo dos alunos não se repercute de modo muito significativo a outros níveis, tais como os dos princípios e organização pedagógica. Não se verificam consequências marcantes quer na diferenciação de documentos/normativos internos (organização de horários; critérios de avaliação) quer no planeamento de estratégias para a concretização das Áreas Curriculares não Disciplinares. Em suma, a diferenciação entre o 3º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário não se vê claramente assumida.

O corpo de alunos é significativamente coeso na sua caracterização socioeconómica, e esta não é, por si só, fomentadora de problemas. Genericamente, não é desprovido de acesso a meios e recursos culturais, dentro de um padrão médio. Os seus níveis de aproveitamento escolar são geralmente bastante positivos, sem prejuízo de existência, quer de franjas com maiores dificuldades de aprendizagem, quer de casos de excelência.

Manifestam-se na escola alguns comportamentos desregulados que, embora sem grande gravidade disciplinar, apresentam tendência para um crescendo, com risco de poderem vir a afetar mais seriamente o funcionamento da aula, bem como de outras situações escolares.

Quanto ao empenhamento nas aprendizagens, os alunos manifestam, de um modo geral, alguma disfunção entre o desejo ideal de aprender, de saber, de procurar conhecer e o trabalho e, sobretudo, a persistência, necessários à aquisição e interiorização de um genuíno e esforçado gosto pelo saber. O desejo de uma classificação sobrepõe-se, muitas vezes, ao desejo de perceber o que se está aprender,

demonstrando-se, assim, uma grande capacidade de adaptação a práticas avaliativas que promovem esta atitude.

Há por parte dos alunos:

- (+) Abertura para o conhecimento e informação;
- (+) Boa relação de proximidade com a Escola;
- (+) Relação afetiva de familiaridade e à-vontade com a Escola; ausência de constrangimento;
- (+) expectativa/perceção da Escola como amigável, familiar, pouco estrita, preocupada com ele;
- (-) Pouco cuidado com a gestão do tempo de estudo/trabalho, planeamento;
- (-) Precipitação/ansiedade na expectativa da classificação;
- (-) Dificuldade na transformação do sucesso escolar imediato e episódico em sucesso educativo sustentável.

Os canais de relacionamento da estrutura escolar com os pais e encarregados de educação dos seus alunos são os que estão legalmente estabelecidos, sendo, pois, o seu interlocutor, predominante, o Diretor de Turma. A frequência e empenhamento, com que cumprem os deveres e exercem os direitos que a lei lhes confere, são bastante variáveis, em função de características e interesses individuais. No entanto, pode afirmar-se que a sua participação é extremamente positiva.

Contudo, a perceção de que a escola não apresenta grandes problemas de funcionamento, organização e disciplina, conduz a uma postura de comodidade em relação à vida escolar, que se manifesta em alguma dificuldade na mobilização dos encarregados de educação.

Em conclusão, pode dizer-se que existe entre a escola e os pais e encarregados de educação uma relação positiva.

Sintetizando, passo a apresentar alguns dos aspetos que considero como positivos ou potencialidades da escola e que contribuem para o sucesso educativo:

- Ginásios em qualidade e quantidade adequadas;
- Pluralidade de formações científicas/saberes dos professores;
- Preocupação com a procura da qualidade do ensino;

- Gosto pela mudança;
- Boa relação de toda a comunidade educativa com a estrutura diretiva da escola;
- Acesso por parte dos alunos a meios e recursos culturais, dentro de um padrão médio ou alto;
- Encarregados de educação interessados e participativos.

Existem também aspetos mais críticos que poderão ser melhorados:

- Diluição da relação de autoridade professor/aluno;
- Apoio insuficiente aos alunos com necessidades educativas especiais - especialmente as mais acentuadas;
- Desadequação, relativamente às necessidades programáticas, de algum material de apoio a aulas.

Implicações na ação docente

As três escolas apresentam contextos muito diferentes o que, consequentemente, obrigou a abordagens diferenciadas, especialmente no que considerei prioritário enfatizar em cada uma delas.

Na Escola Secundária Mães D'Água, foi prioritário estabelecer uma ponte de confiança e, se possível, de afetividade com os alunos, ao mesmo tempo que as regras tinham sempre de ser clarificadas e cumpridas com justiça. Devido a um ambiente caracterizado pela desvalorização da escola e das relações interpessoais produtivas no sentido do sucesso educativo, recorri a estratégias que promovessem a integração de todos os alunos no processo ensino aprendizagem sem “deixar ninguém para trás”. A aprendizagem cooperativa foi fundamental para cumprir este requisito, através de estabelecimento de objetivos comuns para cada grupo, e da promoção de atividades e ações conjuntas e coordenadas.

Na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros, foi prioritário contribuir para uma cultura de escola verdadeiramente inclusiva e solidária, por forma a responder à heterogeneidade da população escolar, principalmente nos níveis socioeconómico, cultural e da capacidade cognitiva. Os extremos da população escolar são em número significativo e convivem na escola: urbano/rural, quadros de excelência/Necessidades Educativas Especiais, alunos com nível de vida médio e médio-alto/alunos a viverem em instituições de acolhimento ou em pobreza. A Educação Física, o Desporto Escolar e a

disciplina de Formação Cívica foram instrumentos valiosos para o cimentar destes princípios. Nesta escola o sucesso a este nível parece, na minha opinião, andar a par com o sucesso nos resultados na disciplina de Educação Física.

Na Escola Secundária José Gomes Ferreira foi prioritário o conhecimento profundo dos seus documentos orientadores, com ênfase para os do grupo disciplinar, para poder “sintonizar” o meu trabalho o mais possível com os mesmos, uma vez que, estes são criteriosamente usados, aplicados e assumidos por toda a comunidade escolar. Alunos com expectativas de excelência requerem um professor que lhes proporcione caminhos para alcançarem os seus objetivos.

O futuro é sempre imprevisível, mas penso que a flexibilidade de pensamento e de ação terão de estar sempre presentes, se quisermos adaptarmo-nos a ele com o mínimo de constrangimentos e o máximo de sucesso possíveis.

2.2. Órgãos de Gestão e Administração Escolar

Atualmente é reconhecido às escolas o poder de tomar decisões nos domínios estratégico, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, no quadro do seu projeto educativo e em função das competências e dos meios que lhe estão consignados, tendo por base as diretrizes do Ministério da Educação. A autonomia de cada escola está a cargo dos órgãos de administração e gestão escolar.

De acordo com as minhas vivências a nível profissional considero que a autonomia das escolas é na generalidade positiva, principalmente pela capacidade que tem em afetar os seus recursos ao seu próprio Projeto Educativo. No entanto, penso que este modelo não está ainda bem conseguido, na medida em que o sucesso do mesmo está demasiado dependente da competência das direções escolares, sobretudo quando a responsabilidade recai fundamentalmente numa figura, a do Diretor.

O Conselho Geral é o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa, tendo por base o respeito pelos princípios consagrados na Constituição da República e na Lei de Bases do Sistema Educativo. Nele estão representados todos os membros da comunidade educativa: docentes, alunos, encarregados de educação, pessoal não docente, autarquia e comunidade local. Entre as suas várias competências, destacam-se: eleição do Diretor da Escola; aprovação do

Projeto Educativo de Escola, do Regulamento Interno e do Plano Anual de Atividades, documentos centrais na orientação e gestão escolar.

O Diretor é o órgão de administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. Tem assim a responsabilidade de definir o regime de funcionamento da escola, distribuir o serviço docente e não docente, designar os Coordenadores dos Departamentos Curriculares e os Diretores de Turma, gerir as instalações, estabelecer protocolos com entidades externas, entre outras.

O Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa da escola, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente.

O Conselho Administrativo é o órgão deliberativo em matéria administrativo-financeira da escola, nos termos da legislação em vigor.

Os Departamentos Curriculares são as estruturas de articulação e gestão pedagógica nos quais se encontram representados os grupos de recrutamento e áreas disciplinares. Os Departamentos Curriculares asseguram a cooperação entre os docentes da escola, procurando adequar o currículo às necessidades dos alunos, sendo o seu Coordenador um professor, designado pelo Diretor.

Nestas três escolas existem os mesmos quatro Departamentos Curriculares, que englobam todas as disciplinas curriculares existentes na escola, sendo estes: o Departamento de Línguas, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas, o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais e o Departamento de Expressões.

A disciplina de Educação Física (Grupo 620) está inserida no Departamento Curricular de Expressões, conjuntamente com as áreas disciplinares artísticas, tecnológicas e de ensino especial. Esta junção é, na minha opinião, absurda e inconsequente. Não há praticamente pontos de união que se possam consubstanciar em práticas comuns entre a Educação Física e as restantes disciplinas. Seria muito mais proveitoso para a escola que a Educação Física se constituísse ela própria num departamento. É uma disciplina muito específica, que tem grande impacto e visibilidade na vida escolar proporcionando aprendizagens e vivências aos alunos que não podem ser supridas por qualquer uma das atuais disciplinas, mais ainda quando acompanha todos os alunos em todo o seu percurso escolar até à entrada no ensino superior.

Os Conselhos de Turma destinam-se à organização, acompanhamento e avaliação das atividades a desenvolver com os alunos e à realização da articulação entre a escola e as famílias.

A atividade dos órgãos de gestão e da restante comunidade escolar é regulada pelo Projeto Educativo de Escola. Este documento explicita os princípios, os valores, as metas e as estratégias que a escola se propõe cumprir.

O Regulamento Interno rege todo o funcionamento da escola, nomeadamente os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar e as competências atribuídas a cada cargo.

O Plano Anual de Atividades é o documento que define os objetivos, as formas de organização e de programação das várias atividades e projetos existentes na escola, bem como os recursos neles envolvidos.

Na Escola Secundária Mães D'Água podemos falar de uma gestão que centra a sua ação nas relações com a comunidade envolvente, ao mesmo tempo que apoia o professor e as diversas entidades da escola, com o mínimo de interferência possível no seu trabalho. Ao professor é requerido autonomia e autorresponsabilização. Este tipo de gestão permite que o professor se centre essencialmente nas suas aulas e nos problemas que aí terá de resolver. Por outro lado, o facto de este tipo de gestão promover uma articulação algo deficiente entre as diversas entidades escolares e um planeamento fraco vertical e transversal destas mesmas entidades, faz com que não haja efetivamente uma verdadeira cultura de escola. A referência para os alunos é apenas a sua turma e os seus professores.

A Escola Básica 2/3 dos Castanheiros caracteriza-se por uma gestão mais burocrática e controladora. No entanto, é menos envolvida pela escola, no sentido em que não participa tanto nas suas atividades, não sai para o terreno, limitando-se à sua função de gestão a partir do gabinete. É curioso constatar que temos mais organização e articulação entre as entidades, ao mesmo tempo que estes processos se tornam mais confusos e desgastantes para o professor. Ainda assim, temos um aspeto muito positivo que devemos enfatizar: existe uma cultura de escola com a qual os seus elementos se identificam, sendo que para este facto contribui, em larga escala, o grupo de educação física, como poderemos constatar mais à frente.

Em contraponto, na Escola Secundária José Gomes Ferreira temos a direção mais segura do seu caminho e menos burocrática. Centra-se, essencialmente, em dois

pólos: a) facilitar e apoiar o professor a atingir resultados de excelência na sua disciplina; b) estabelecer com toda a comunidade, em especial com os encarregados de educação, uma relação positiva que permita antecipar e suprir necessidades dos alunos.

As entidades da escola passam a ser mais autónomas, mais responsáveis e mais responsabilizadas pela sua própria gestão. Este facto promove uma reflexão e revisão constante sobre todos os documentos orientadores da escola, bem como da sua aplicação. Podemos então falar de uma cultura de escola bem vinculada, que assenta no rigor e excelência do ensino. Este tipo de gestão tem, contudo, aspetos menos positivos: a) a força dada aos alunos e encarregados de educação faz com que estes centrem demasiado no professor a responsabilidade de realização das expectativas escolares dos mesmos; b) o apoio aos alunos com necessidades educativas especiais é pouco desenvolvido na escola.

2.3. Grupo de Educação Física

A Educação Física é uma disciplina especial, abrange todos os alunos e acompanha-os até ao final do Ensino Secundário. Ao mesmo tempo que engloba diversas áreas do conhecimento transversais a outras disciplinas encerra em si própria saberes e experiências de aprendizagem específicas e únicas.

A Constituição Portuguesa consagra o direito ao desporto bem como à educação e saúde a todos os cidadãos portugueses. A disciplina de Educação Física é a única que verdadeiramente cumpre e articula todos estes direitos. É transversal a todos os ciclos de ensino, abrangendo a totalidade dos alunos, proporcionando aprendizagens e promovendo a aquisição de competências muito específicas que não podem ser colmatadas por outras áreas curriculares ou disciplinas. Todavia, os efeitos da Educação Física extravasam o seu espaço próprio de aula, produzindo assim um efeito integrador e de sociabilização únicos, que contribuem decisivamente tanto para a implementação de um bom clima de escola, como para a construção de uma cultura de escola inclusiva e de sucesso. O prazer da auto superação, a tolerância, a solidariedade, a motivação intrínseca, a liderança, a capacidade de tomar decisões, a autonomia, a capacidade de trabalhar em grupo, a resiliência, o saber lidar com êxitos e inêxitos, são apenas alguns exemplos de aspetos que são trabalhados e vividos pelos alunos, de forma muito específica e particular nesta disciplina.

Provavelmente, como consequência do acima exposto, o Grupo de Educação Física foi sempre um grupo especial em todas as escolas onde lecionei: dinâmico, prático e muito próximo dos alunos. Através de todas as atividades que organiza e da sua dimensão, é essencial para o estabelecimento de uma cultura de escola que reflita os valores positivos da sociedade. “A existência de atividades pontuais, estruturadas e organizadas ao longo do ano como mostruário das atividades físicas e do papel cultural e educativo da Educação Física (...) são fundamentais para a afirmação e o seu entendimento no âmbito da escola” (Brás & Monteiro, 1998).

Todo o trabalho do Grupo de Educação Física deve obedecer a três princípios: interação, compromisso e flexibilidade. Interação como garantia do aproveitamento das potencialidades de cada professor, no sentido de elevar a qualidade da Educação Física. Compromisso, porque os seus elementos deverão contribuir para uma constante cooperação e reflexão internas com o objetivo de criar uma cultura de escola que resulte na legitimação da Educação Física e no seu próprio desenvolvimento. Flexibilidade, através da adequação dos Programas Nacionais à realidade particular da escola e da revisão e reflexão constante dos seus documentos orientadores por forma a garantir uma ação docente eficaz (Brás & Monteiro, 1998).

Escola Secundária Mães D'Água

O Grupo de Educação Física tem um núcleo estável com nove elementos e cerca de cinco professores contratados anualmente.

Os projetos, curricular e de avaliação da disciplina, estavam organizados não por níveis (introdutório, elementar e avançado), mas sim por anos de escolaridade com unidades temáticas; e os critérios de avaliação estavam por domínios (psicomotor - saber fazer; cognitivo – saber; e, sócio-afetivo - saber estar) e não por áreas (atividades físicas, aptidão física e conhecimentos). No entanto, o projeto do grupo é pouco discutido e não é assumido verdadeiramente pelo grupo, o que resulta em práticas letivas, de seleção de conteúdos e de avaliação muito diferentes. O grupo acaba por colmatar um pouco esta grave falha com a responsabilização e compromisso individual dos seus elementos para com as suas turmas.

O *roulement* de espaços estava pensado para o ensino das matérias por blocos de unidades didáticas estanques, já que uma turma ficava no mesmo espaço duas ou

três semanas seguidas, estando estes divididos e dotados de equipamentos específicos para cada matéria.

Na altura, fui um dos elementos que alertou para uma necessidade urgente de reflexão e reformulação da disciplina. No entanto, foi muito difícil conseguir grandes mudanças, uma vez que o grupo só tinha Pavilhão Gimnodesportivo há um ano e estava a adaptar-se a uma nova realidade.

Apesar do acima exposto, o grupo tem conseguido levar a cabo um Plano Anual de Atividades muito preenchido, onde destaco a organização do torneio de Ténis de Mesa dos Jogos Juvenis Escolares da Amadora e a participação em todas as outras competições desses mesmos jogos.

Escola Básica 2/3 dos Castanheiros

O Grupo de Educação Física é pequeno, com seis elementos, incluindo já dois docentes contratados.

O grupo é muito coeso e ativo na escola, sendo que a sua prioridade é a execução de um Plano Anual de Atividades internas e externas muito ambicioso e completamente abraçado por toda a comunidade educativa.

As condições para a prática da educação física são muito deficientes – como veremos mais a frente - pelo que o grupo não aposta num projeto curricular forte, que depois nunca poderia cumprir – o que poderá ser compreensível. No entanto, a mudança para o ensino por etapas e avaliação por níveis e áreas está a ser muito lenta, apesar de todo o grupo já estar consciente da sua necessidade.

As matérias abordadas estão longe de cumprir o Programa Nacional de Educação Física, mas estão em perfeita sintonia com o Plano Anual de Atividades. As turmas participam num mega torneio, que decorre durante todo o ano letivo, com regras que indiretamente obrigam à participação de praticamente todos os seus alunos (uma vez que um alunos só pode participar num determinado número de atividades como atleta) e com atividades desportivas variadas conforme o desenvolvimento das matérias nas aulas.

Pessoalmente, penso que o mega torneio é uma excelente forma de motivar os alunos para uma disciplina com recursos afetos a si tão deficientes (especialmente no tempo da chuva). Por outro lado, não deixa de ser uma forma de contornar o problema e de acomodação, uma vez que se realmente se apostasse num currículo forte e em

sintonia com o Programa Nacional de Educação Física acabaria por se conquistar argumentos e o apoio dos encarregados de educação, quando ficasse claramente exposto que, nestas condições, é impossível cumprir o currículo com o mínimo de qualidade. Expus várias vezes este ponto de vista, mas apesar de haver alguma concordância por parte dos colegas subsistia sempre algum receio à mudança.

Não devemos confundir esta forma de abordar a disciplina com o ensino por blocos, porque a matéria correspondente ao torneio mais próximo surge mais concentrada a par com as outras.

O envolvimento dos alunos na disciplina é tal que toda a comunidade escolar entende a educação física, com todas as suas atividades, como o principal fator para o controlo da indisciplina na escola, já que esta se torna um foco de atenção muito grande para os alunos, evitando assim comportamentos desviantes que podem comprometer toda a turma.

O Desporto Escolar é um projeto de sucesso nesta escola, com níveis de participação altos por parte dos alunos, apesar dos poucos recursos. A par com a vertente competitiva este é usado pelos alunos para o seu desenvolvimento nas matérias que consideram importantes melhorar e para a integração dos alunos com Necessidades Educativas Especiais de várias ordens.

Considero assim, que o Grupo de Educação Física é um grupo dinâmico, interessado e trabalhador, em que os seus elementos se envolvem com o projeto da Educação Física com uma só voz.

Escola Secundária José Gomes Ferreira

O Grupo de Educação Física é estável com cerca de dez elementos, tendo sido eu o único contratado em substituição de um colega em licença sem vencimento.

A liderança é forte, responsável e democrática e o grupo muito coeso em torno de um projeto para a disciplina, assumido por todos.

O grupo faz reflexões e revisões constantes a este projeto, que tem como partes integrantes e integradoras: o projeto curricular, critérios e protocolo de avaliação, regulamento da disciplina e plano anual de atividades próprio.

São calendarizadas regularmente: conferências curriculares, sessões de aferição de critérios e indicadores de observação, sessões de formação interna e de partilha de conhecimentos.

Temos um grupo que está sempre atento às mudanças e que tenta antecipar-se a estas, estando na vanguarda do conhecimento científico e legal próprios à educação física.

Há uma aposta clara no ecletismo das matérias lecionadas, consubstanciando-se numa maior valorização do número de níveis elementares atingidos pelo aluno do que do alcance do nível avançado numa matéria específica.

O projeto da disciplina organiza-se por níveis (introdutório, elementar e avançado) e por áreas (atividades físicas, aptidão física e conhecimentos), estando em consonância com o programa nacional de educação física.

Os alunos são responsabilizados pela sua própria avaliação e pelo trabalho necessário para atingirem os seus objetivos, porque há um trabalho de divulgação e clarificação de todos os documentos orientadores da sua avaliação ao longo de todo o ano letivo. Este é um fator essencial que determina o grau de confiança que alunos e encarregados de educação têm na disciplina: a educação física é considerada a disciplina com critérios de avaliação mais objetivos, transparentes e justos pela comunidade escolar.

O Desporto Escolar é um projeto de sucesso nesta escola, com níveis altos de participação pelos alunos. A par com a vertente competitiva este é usado pelos alunos para o seu desenvolvimento nas matérias que consideram importantes melhorar.

Os professores têm contemplado nos seus horários tempos letivos para apoio dos alunos com mais dificuldades, o que contribui para níveis de retenção na disciplina muito baixos.

Considero assim, que o Grupo de Educação Física é um grupo dinâmico, interessado e trabalhador, em que os seus elementos se preocupam com a qualidade do ensino da Educação Física e em que cada professor desenvolve o seu trabalho tendo em conta o compromisso que estabeleceu com o grupo.

O grupo tem uma agenda de atividades interna e externa muito preenchida, onde os alunos experimentam a competição e demonstração nas matérias lecionadas, bem como outras impossíveis de realizar no recinto escolar.

Análise Projetiva

Com base na reflexão de todas estas experiências, retiro como referências para o meu trabalho e a minha intervenção no grupo disciplinar no futuro, a forma de abordagem do currículo por parte da Escola Secundária José Gomes Ferreira e a filosofia de envolvimento da comunidade escolar, bem como a sintonia com o currículo da disciplina e com o projeto educativo da escola com que são abordadas as atividades internas e externas da Escola Básica 2/3 dos Castanheiros.

O currículo da Escola Secundária José Gomes Ferreira evidencia um esforço em cumprir o Programa Nacional de Educação Física ao mesmo tempo que considera com razoabilidade os recursos que possui. Os recursos estão distribuídos pelos espaços por forma a rentabilizá-los ao máximo e para que em cada espaço o professor possa planear em função dos seus alunos e não dos recursos (ou falta destes) que tem ao seu dispor.

O mega torneio é um projeto ganho na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros e revela que é possível envolver todos os alunos para a atividade física e desporto e que é possível que a derrota ou vitória individual ou de um grupo de alunos sejam assumidas por toda a turma. A turma também se envolve ao longo do ano letivo na organização e planeamento da sua participação no torneio.

2.4. Recursos

Escola Secundária Mães D'Água

A Educação Física nesta escola caracteriza-se pela qualidade dos seus recursos físicos, materiais e humanos.

Ao nível dos recursos físicos a escola possui: um Pavilhão Gimnodesportivo recente que se encontra em excelentes condições, um espaço exterior amplo que inclui um campo 40x20 metros com pista de atletismo e caixa de saltos, uma sala ampla no pavilhão D com seis mesas de ténis de mesa e uma sala com equipamento informático para Curso Tecnológico de Desporto também no pavilhão D.

O interior do pavilhão está dividido em dois espaços diferentes, um que ocupa 2/3 do pavilhão (espaço 1) e outro que ocupa 1/3 do pavilhão (espaço 2), onde está montada uma parede de escalada. Dentro do pavilhão existe também um ginásio (espaço 3) e uma sala equipada com retroprojektor e computador, utilizada para as sessões teóricas.

Existe ainda o campo exterior com uma pista de Atletismo de cinquenta metros (espaço 4), possibilitando a existência de quatro aulas de Educação Física em simultâneo.

No espaço 1 existem quatro tabelas de Basquetebol, uma das balizas do campo de Andebol/Futsal (que atravessa todo o pavilhão) e é possível a montagem de seis campos de Badminton ou dois de Voleibol.

No espaço 2 existem duas tabelas de Basquetebol, espaldares, a outra baliza do campo de Andebol/Futsal e é possível a montagem de três campos de Badminton ou um de Voleibol. Este espaço possui ainda uma parede de escalada com três vias.

No espaço 3 existem diversos materiais para a prática de Ginástica: argolas, barra fixa, paralelas, plintos, colchões de quedas, colchões de ginástica, rolo, minitrampolins, trampolins *reuther*, trave olímpica e espaldares.

No espaço 4, que é no exterior e em cimento, existem quatro tabelas de Basquetebol, um campo de Andebol/Futebol, uma pista de Atletismo de cinquenta metros e uma caixa de saltos.

Os espaços 1, 2 e 4 são bastante polivalentes, não apenas devido ao espaço em si, mas também pela quantidade e diversidade de materiais disponíveis para a Educação Física, fazendo com que raramente surjam incompatibilidades na requisição de material, mesmo quando vários professores estão a lecionar as mesmas matérias.

Assim, existe material suficiente e em bom estado para a leção de todas as matérias nucleares e ainda para Corfebol, Hóquei em Campo, Râguebi (Bitoque e Tag Râguebi), Ténis de Mesa e Escalada.

Apesar de a escola ter condições para a polivalência de espaços continua a gerir mal os seus recursos materiais, na minha opinião, concentrando materiais específicos em espaços próprios, condicionando o professor a selecionar as matérias em função dos espaços e não em função dos seus alunos e suas necessidades. Era, sem dúvida, um grupo que se acomodava ao ensino por blocos.

Quanto aos recursos humanos, considero que estes também se destacam pela sua qualidade. Os professores são competentes e dedicados e as assistentes operacionais que prestam serviço no Pavilhão Gimnodesportivo são indispensáveis ao bom funcionamento da Educação Física na escola, estando perfeitamente sintonizadas com o regulamento de instalações e da própria disciplina. Além disso, mantêm com o grupo uma relação de grande afetividade.

Escola Básica 2/3 dos Castanheiros

Ao nível dos recursos físicos, a escola não possui Pavilhão Gimnodesportivo, contando apenas com um espaço exterior reduzido, em alcatrão, que inclui: um campo de 40x20 metros com pista de atletismo improvisada, um campo com balizas de 30x15 metros, um campo de voleibol com medidas inferiores às oficiais e um espaço muito reduzido sem marcações com duas tabelas de basquetebol. O gabinete do grupo de educação física serve também como espaço para guardar o material desportivo. Há ainda uma sala de aula no bloco B que foi adaptada para desportos gímnicos e dança, apesar do teto baixo, na qual as turmas do 9º ano se sentem apertadas. A escola estabeleceu um protocolo com o Clube de Futebol de Caneças que permite a utilização do campo sintético – adjacente à escola - para a Educação Física.

Junto ao campo de futebol há uma parede velha com presas para escalada.

Como consequência desta situação, três turmas funcionam em simultâneo no espaço exterior e com pouco material. Quando as condições atmosféricas se tornam demasiado adversas à prática da disciplina no exterior, a única alternativa é a sala de audiovisuais, uma sala de aula, ou, em último recurso o bar dos alunos.

Quanto aos recursos humanos, considero que estes são excelentes. Partilham-se espaços e materiais com inteligência e competência passando para os alunos uma imagem da disciplina muito positiva, coerente e dinâmica. As assistentes operacionais são indispensáveis ao bom funcionamento da Educação Física na escola, cumprindo bem a sua função.

Escola Secundária José Gomes Ferreira

Ao nível dos recursos físicos a escola possui um Pavilhão Gimnodesportivo antigo que se encontra em condições satisfatórias e um campo de Futebol 7 em relvado sintético.

O interior do pavilhão está dividido em quatro espaços onde são possíveis lecionar uma variedade de matérias, à exceção do espaço 3 que é menos polivalente. Tem uma sala para sessões teórica e uma sala afetada ao núcleo de dança. O piso é em tacos de madeira já velhos e com algumas lascas. Como o espaço 3 é pequeno em área e altura e pouco polivalente, o professor que aí lecionar tem direito ainda a uma sala com seis mesas de ténis de mesa, um espaço improvisado, mas bem adaptado, para patinar e ao campo exterior.

O pavilhão está preparado para praticamente todas as matérias que podem ser lecionadas em *indoor*. O material também é constantemente aferido e renovado.

O Atletismo é a única matéria para a qual a escola não tem sequer as condições mínimas.

Os espaços são todos polivalentes e preparados para aulas politemáticas, embora os espaços 1 e 2 sejam mais adequados a desportos coletivos e os espaços 3 e 4 mais a desportos individuais e gímnicos.

Quanto aos recursos humanos, considero que estes se destacam pela sua qualidade profissional e académica, bem como pela demonstração de uma noção partilhada de empenho e compromisso. As assistentes operacionais que prestam serviço no Pavilhão Gimnodesportivo são indispensáveis ao bom funcionamento da Educação Física na escola, estando perfeitamente sintonizadas com o regulamento de instalações e da própria disciplina. Além disso, mantêm com o grupo uma relação de grande afetividade.

3. Caracterização e Análise da Atividade Profissional Desenvolvida

A caracterização e análise da atividade profissional desenvolvida nos últimos quatro anos foi realizada de acordo com as Dimensões e respetivos Domínios do Relatório de Autoavaliação do Processo de Avaliação de Professores.

O professor de Educação Física deve possuir um conhecimento científico e pedagógico profundo e ter uma capacidade reflexiva da sua atividade de modo a desenvolver e melhorar a eficácia do seu trabalho (Onofre, 1996). É de acordo com esta premissa que neste capítulo apresento uma descrição e análise reflexiva do meu desempenho nas diversas Dimensões.

Procurarei, neste ponto, encontrar aspetos comuns de atuação nas três escolas, evitando, sempre que possível, a sistematização da caracterização e análise por escolas. No futuro, o mais provável é vir a lecionar noutras escolas, com outras realidades e contextos, pelo que considero que este tipo de abordagem integrada pode ser mais reflexiva e projetiva e, consequentemente, mais útil.

3.1. Dimensão Vertente Profissional Social e Ética

Os documentos orientadores de Comissões de Coordenação da Avaliação de Desempenho, referem que os Domínios presentes nesta Dimensão podem consubstanciar-se, cada um deles, nas Dimensões subsequentes, de acordo com a seguinte correspondência:

- Compromisso com a construção do conhecimento profissional - Dimensão Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida.
- Compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos - Dimensão Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem.
- Compromisso com o grupo de pares e com a escola - Dimensão Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa.

De acordo com o acima exposto, irei aqui fazer uma reflexão mais global e menos específica no que concerne aos vários Domínios desta Dimensão.

Investi na minha formação (compromisso com a construção do conhecimento profissional), nomeadamente na frequência de Ações de Formação internas e externas, bem como no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário no sentido de abordar algumas matérias que não tinham sido objeto de estudo na Licenciatura. Procurei atualizar-me constantemente para que as minhas aulas respondessem cada vez melhor, quer ao desafio de obtenção de sucesso dos alunos, quer aos objetivos e metas da escola (compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos). A partilha de conhecimentos entre colegas e a observação de aulas bem como a sua discussão foi uma prática cultivada por mim desde o início da minha profissionalização, permitindo-me saltos qualitativos no ensino de algumas matérias. Neste momento tenho um leque de materiais, tais como sequências pedagógicas, progressões, grelhas de observação que foram obtidas desta forma partilhada.

Envolvei-me também em vários projetos da escola mantendo uma atitude interventiva e construtiva em reuniões de Departamento, de Grupo, de Conselho de Turma e outras - apresentando propostas para o seu bom funcionamento, oferecendo-me para integrar projetos e grupos de trabalho, levando assuntos que considere pertinentes a discussão e agindo sempre com educação e respeito com todos os elementos da

comunidade escolar (compromisso com o grupo de pares e com a escola). A título de exemplo, destaco a elaboração de um novo documento de caracterização da turma acompanhado de um ficheiro em Excel® para tratamento de dados que produzi na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros e que passou a ser adotado pelos Diretores de Turma.

No que respeita à minha relação com a comunidade educativa, para além do facto de cultivar e manter uma relação cordial, tranquila e pacífica com todos os elementos da comunidade escolar, promotora de ações consertadas, pertinentes e eficazes, sempre manifestei uma atitude positiva e cooperante relativamente a projetos e atividades realizadas no âmbito da comunidade.

Estabeleci ainda relações cordiais com os encarregados de educação, promotoras de um maior envolvimento dos próprios na vida escolar dos seus educandos e nas atividades promovidas pela escola. Usei a caderneta do aluno ou o seu caderno, estabeleci contacto via telefone ou presencialmente sempre que achei conveniente e necessário. A título de exemplo, uma aluna revelava tristeza e alguma desmotivação nas minhas aulas. Chamei-a no final de uma aula e fomos conversar para o gabinete de Educação Física, acabou por chorar e dizer que no processo de divórcio dos pais ela era usada como “arma de arremesso” entre os pais, levando e trazendo recados de cada um. Achei conveniente telefonar à mãe e educadamente informá-la que a forma como estavam a agir com a sua educanda estava a levá-la a um descontrolo emocional e consequente baixa de rendimento escolar. A mãe agradeceu-me imenso, informando-me que a aluna se mostrava forte em casa e não se queixava, nunca tendo reparado o quanto ela sofria com estes “recados”. A mudança após esta minha intervenção foi muito positiva para a aluna e o seu rendimento escolar disparou, tendo terminado algumas disciplinas com a classificação máxima.

Envolvei-me ativamente na defesa dos valores da Educação e da Educação Física e, neste sentido, participei no Congresso Extraordinário de Educação Física, em julho de 2012, ajudando à sua divulgação e tendo redigido uma carta ao Ministro da Educação, que foi aprovada, por unanimidade, pelo grupo da Escola Secundária José Gomes Ferreira.

3.2. Dimensão Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem

A Dimensão Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem engloba quatro Domínios: Preparação e Organização das Atividades Letivas, Realização das Atividades Letivas, Relação Pedagógica com os Alunos e Processo de Avaliação das Aprendizagens dos Alunos.

Podemos considerar três fases no processo de ensino: fase Pré-Interativa; fase Interativa; e fase Pós-Interativa (Januário, 1992).

Desta forma, considero que: a fase Pré-Interativa - planeamento e conceção dos objetivos pedagógicos e de aprendizagem - está relacionada com o Domínio Preparação e Organização das Atividades Letivas; a fase Interativa - aplicação e realização do planeado - se relaciona com os Domínios Realização das Atividades Letivas e Relação Pedagógica com os Alunos; e, por último, a fase Pós-Interativa se relaciona com o Domínio Processo de Avaliação das Aprendizagens dos Alunos, uma vez que, os resultados obtidos pelos discentes ajudam também a aferir se tomámos as melhores opções ao nível do planeamento e das estratégias aplicadas.

O principal desígnio da atividade do professor terá de ser necessariamente o sucesso da aprendizagem dos alunos, que, tal como refere Onofre (1995), está dependente da capacidade que o Professor tem para analisar os contextos específicos e de selecionar os meios e estratégias mais adequadas para as circunstâncias apresentadas. Para tal, é necessário organizar e estruturar toda a sua intervenção para que ela seja tão profícua e produtiva quanto necessário.

3.2.1. Preparação e Organização das Atividades Letivas

Segundo Ribeiro (1999), os modelos de organização curricular disponíveis não existem, na prática, sob formas “puras” e estão sujeitos a evolução ou adaptações, permanecendo sempre a hipótese de invenção de novos tipos de estrutura curricular, em função das realidades concretas do ensino. Em especial, tendo em conta limitações e vantagens inerentes a cada um dos modelos disponíveis, pode ser benéfico e equilibrado utilizar diferentes estruturas para diferentes segmentos de um currículo total adotado no sistema escolar, em vez de este se restringir a um único tipo de organização, facto que na prática, tende a acontecer.

É neste sentido que toda a documentação referente ao planeamento foi sempre produzida e todos os documentos puderam sempre ser alvo de adaptações conforme a avaliação constante da sua aplicação e a recolha constante de novos dados da população-alvo – os alunos.

Ao longo dos anos fui transitando calmamente do ensino por blocos para o ensino por etapas, embora este tenha sido verdadeiramente interiorizado e entendido apenas na Escola Secundária José Gomes Ferreira. A transição foi acontecendo, mais uma vez, através da partilha de conhecimentos e diálogo com os colegas bem como da leitura do Programa Nacional de Educação Física (na sua versão revista). No entanto, ao refletir sobre a minha prática, reconheço que o que faço acaba por ser um modelo misto, tentando usar os aspetos positivos do ensino por blocos (partes de matérias que exigem um pouco mais de concentração) e colmatar alguns dos defeitos do ensino por etapas (ainda não lecionei em escolas que tivessem espaços verdadeiramente polivalentes e que permitam total liberdade de atuação independentemente do espaço afeto á aula).

Planifiquei previamente as aulas tendo em consideração a maturidade, o interesse, as dificuldades dos alunos e os seus pré-requisitos, e as experiências anteriores, bem como a avaliação diagnóstica. Foi fundamental para a planificação das aulas o uso das competências gerais definidas para cada turma em sede de Conselho de Turma. A planificação teve em conta a lógica vertical de ciclo letivo inerente à disciplina de Educação Física, sempre em estreita colaboração com os colegas de grupo disciplinar e de departamento.

Tive como base, sequencialmente, as planificações a longo prazo, as de médio prazo (unidades didáticas e de ensino, adaptando-as às especificidades das várias turmas) e as próprias planificações a curto prazo (aulas propriamente ditas). Elaborei planos de aula abordando as matérias previamente definidas nos planos de unidade didática e na planificação anual. Sempre que necessário, procedi à elaboração de planos de recuperação para os alunos com mais dificuldades. Tive especial cuidado com a sequenciação das matérias lecionadas, com base em critérios de: a) pertinência, graus de dificuldade e transfer de competências; b) manter um nível alto de motivação dos alunos; c) antecipação das condições climatéricas; e, d) otimização do grau de sucesso. Por exemplo, usando os campos exteriores para atividades que não se comprometam tanto com o tempo de chuva (lançamento do peso em vez de andebol) ou abordando a ginástica acrobática mais expressivamente depois de garantir alguma estabilidade no

desempenho da ginástica solo (a experiência tem-me demonstrado que os resultados são melhores e os tempos de aprendizagem mais reduzidos desta forma).

O planeamento é fundamental, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem não assenta em ações pedagógicas planeadas individual e isoladamente, de aula para aula, ou improvisadas no próprio momento de aula. Segundo Padilha (2001, citado in Bossle, 2002), “o ato de planear é intrínseco à educação”.

Para o planeamento existe um guia orientador, como são os Programas Nacionais. Contudo, estes estão sempre sujeitos a adequações necessárias, em cada escola, contemplando as limitações do meio social e escolar.

A elaboração de um Plano Anual de Turma, de uma forma mais geral, contempla vários aspetos que poderão ligar o planeamento às realidades sociais, espaciais, materiais e humanos do meio escolar, configurando-se este, não só como uma calendarização de atividades para a turma, mas também como uma adaptação do próprio projeto curricular da escola, caso seja pertinente.

As Unidades Didáticas, cada uma composta por uma modalidade desportiva, são geralmente decorrentes do próprio projeto curricular da disciplina em cada escola. Como as minhas aulas são geralmente politemáticas, tenho investido mais e encontrado maior utilidade no planeamento semanal (Unidades de Ensino), em consonância com o *roulement* de espaços e com o desenvolvimento da turma. Isto permite-me adaptar mais rapidamente ao contexto da turma e, conseqüentemente, ser mais eficaz e eficiente. No entanto, tenho sempre presente que é essencial que exista um tempo mínimo de contacto com as matérias de ensino para que exista uma aquisição de competências de forma proficiente (Siedentop, 1994, cit. in Graça e Mesquita, 2007).

Por fim, os planos de aula são o elemento de aplicação pedagógica direta no momento da aula.

Segundo os Programas Nacionais de Educação Física, esta disciplina deve centrar-se no valor educativo da atividade física eclética, pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno. Deve concretizar-se na apropriação das habilidades e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada - intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.

Deste modo, os Programas estão organizados em três grandes áreas - Atividades Físicas (Matérias), Aptidão Física e Conhecimentos - e consideram que a seleção de objetivos específicos e a aplicação dos processos formativos, de aprendizagem e treino, são objeto de deliberação pedagógica ao nível da realidade educativa concreta, cujas limitações e possibilidades particulares só podem ser apreciadas pelos professores de cada escola, de forma a adequarem os Programas a cada realidade, mantendo, no entanto, a referência fundamental dos objetivos gerais de cada ciclo de escolaridade.

Os grupos de Educação Física das três escolas abordadas neste relatório têm um Projeto Curricular Plurianual com a diferenciação dos níveis Introdutório, Elementar e Avançado, e respetivos conteúdos para cada matéria. As grandes diferenças residem na avaliação, como poderemos verificar mais à frente.

Todos os anos procedo a uma Avaliação Inicial que vai determinar quais as adequações que vão constar no Plano de Turma.

O Plano de Turma deve estar organizado em Etapas, ou seja, períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem assumir características diferentes ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor.

Considero que o Modelo de Lecionação por Etapas é o mais adequado, uma vez que possibilita a distribuição das aprendizagens ao longo do tempo, respeitando uma lógica progressiva e diferenciada para cada grupo de nível, através de aulas politemáticas, facilitando a aquisição e retenção das competências pretendidas (Rosado, 2003).

O planeamento das várias Etapas foi elaborado tendo em conta o nível inicial dos alunos, o nível final pretendido, o calendário escolar (os períodos letivos e as interrupções letivas), as características das instalações disponíveis (de acordo com rotação dos espaços) e as condições climatéricas previstas ao longo do ano.

A utilização das instalações disponíveis é planificada no início do ano, através de um sistema de rotação das turmas pelos vários espaços de aula.

A rotação de espaços é o período temporal que uma turma permanece num determinado espaço de aula. Há exceção da Escola Secundária Mães D'Água, o sistema de rotação de espaços, construído pelo Grupo de Educação Física, permite que, durante aproximadamente cinco semanas de aulas, todas as turmas passem por todos os

espaços de aula para se realizar a avaliação inicial dos alunos. Após este período, a rotação passa a quinzenal.

Segundo Brás & Monteiro (1998), este é um modelo de rotação maioritariamente, mas não exclusivamente, centrado no professor, uma vez que o espaço em cada período de tempo é atribuído ao professor e todas as suas turmas têm aulas nesse espaço, salvaguardando-se, obviamente, algumas exceções. Apresenta como principal vantagem o facto de o professor poder realizar aulas semelhantes e aproveitar algum do material já montado, diminuindo assim os tempos de organização e instrução.

A caracterização e objetivos de cada etapa são os seguintes:

1ª Etapa – Avaliação Inicial – Esta etapa foi sempre realizada de acordo com o Protocolo de Avaliação Inicial da escola, discutido e aprovado pelo Grupo de Educação Física, onde estão definidas, para cada matéria a avaliar e para cada ano de escolaridade, as situações de exercício/jogo que permitem diferenciar os alunos nos níveis introdução, elementar ou avançado.

Com a avaliação inicial, pretende-se não só determinar as aptidões e dificuldades de cada aluno nas diferentes matérias e onde se situa em relação ao programa previsto para o ano de escolaridade, como também a forma como aprende e as suas possibilidades de desenvolvimento.

Assim, ao mesmo tempo que exponho os alunos ao programa do respetivo ano de escolaridade (com os ajustamentos introduzidos pelo Grupo de Educação Física), revejo aprendizagens anteriores, consolido outras, relembro e/ou crio rotinas de aula, vamos construindo um clima de aula favorável à aprendizagem com regras e procedimentos estabelecidos.

É também um período importante para melhorar a condição física dos alunos, particularmente por se seguir a um período de férias prolongado. Terminada esta etapa, defino os grupos de nível e os objetivos a atingir por cada aluno nas várias matérias e a forma de organização da etapa seguinte.

2ª Etapa – Novas Aprendizagens - Nesta etapa pretende-se ensinar novos conteúdos aos alunos e também recuperar os que apresentam maiores dificuldades, para que todos possam progredir de forma a atingirem os objetivos propostos individualmente.

Ao longo da etapa vou avaliando o cumprimento dos conteúdos planeados, não só para os ajustar constantemente aos progressos e dificuldades dos alunos, como também para preparar a etapa seguinte, que se iniciará no segundo período letivo.

3ª Etapa – Revisão das Matérias, Recuperação do Nível de Aptidão Física e Novas Aprendizagens - Uma vez que a terceira etapa começa após um período de interrupção letiva, é importante que haja uma revisão das matérias já abordadas e das competências adquiridas na etapa anterior, bem como uma recuperação do nível de aptidão física. É também uma etapa em que vão sendo lecionados novos conteúdos e se continua a investir na recuperação dos alunos com maiores dificuldades. Tal como na etapa anterior, vou sempre avaliando o cumprimento dos conteúdos planeados e ajustando-os sempre que considero necessário. Terminada essa avaliação dá-se início à quarta e última etapa, a iniciar no terceiro período.

4ª Etapa – Recuperação do Nível de Aptidão Física, Novas Aprendizagens e Recuperação/Consolidação - A quarta etapa começa também após um período de interrupção letiva, sendo mais uma vez importante recuperar o nível de aptidão física. Uma vez que o final do ano se aproxima, é também importante definir, com cada aluno, apostas de investimento nas matérias necessárias, para que este atinja os seus objetivos.

Interessa oferecer, nesta altura, oportunidades acrescentadas de recuperação aos alunos com maiores dificuldades e de consolidação aos restantes, para que todos alcancem o sucesso em Educação Física. Continuo também a avaliar o cumprimento dos conteúdos planeados, de forma a terminar o ano letivo cumprindo o que está previsto no Plano Curricular de Educação Física da escola e nos Programas Nacionais de Educação Física.

Para cada Etapa defino o número de Unidades de Ensino. Rosado (2003) define-as como um conjunto de aulas agrupadas sobre critérios pedagógicos semelhantes.

Sendo o sistema de rotação de espaços das escolas quinzenal e tendo as turmas que tenho lecionado ultimamente duas aulas de noventa minutos por semana, defini como Unidade de Ensino as quatro aulas que as turmas têm em cada espaço.

Assim, as Unidades de Ensino são um conjunto de aulas com objetivos e estrutura organizativa idênticos que visam a organização dos conteúdos numa sequência lógica, a escolha das situações de ensino-aprendizagem mais apropriadas e as estratégias de composição dos grupos mais adequadas para as matérias que irão ser lecionadas.

Uniformizando-se a estrutura das aulas dentro de cada unidade criam-se rotinas de umas aulas para as outras, havendo assim uma maior rentabilização do tempo de aula, potenciando um maior tempo de aprendizagem.

Pensar em Unidade de Ensino, e na sua lógica inerente, acaba por facilitar a elaboração dos Planos de Aula, bem como uma organização lógica dos mesmos.

O Plano de Aula é um documento para auxiliar o professor na aula, que contém a organização da mesma, nomeadamente: os conteúdos a abordar e os exercícios correspondentes, os grupos definidos, o material necessário e a duração de cada exercício. Segundo Bento (1998), “a aula constitui o verdadeiro ponto fulcral do pensamento e da ação do professor”, sendo o Plano de Aula a unidade básica de planeamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planeamento do ensino adaptado e aplicado à sala de aula (Bossle, 2002).

No entanto, a prática tem-me revelado que a Unidade de Ensino é o meu documento mais útil, tendo sempre uma semana (tempo da Unidade de Ensino que está a decorrer) para pensar e preparar calmamente o plano da nova Unidade de Ensino - tornando o Plano de Aula menos determinante para mim.

Os professores com maior quantidade de pensamentos de planificação e preparação proporcionam melhores condições de ensino, promovem o ensino diferenciado, favorecem o clima de aula positivo e apresentam melhor gestão e organização do tempo de aula, tal como refere Januário (1996, cit. in Anacleto, 2008).

A título de exemplo, este excerto da minha avaliação de desempenho na Escola Secundária José Gomes Ferreira demonstra o cuidado que tive na preparação do ano letivo, especialmente sabendo que os seus documentos de referência não poderiam simplesmente ser consultados, requeriam algum estudo, porque estes seriam efetivamente a base de todo o trabalho a desenvolver ao longo do ano letivo:

“Sendo o primeiro ano a lecionar nesta escola, cuidei logo de início, em perceber o seu contexto. Consultei e estudei os documentos de referência da escola, do departamento e do grupo disciplinar com especial relevância para o Projeto Educativo de Escola (PEE) e, o Projeto Curricular e Protocolo de Avaliação da Educação Física (EF). Neste processo, houve especial preocupação na articulação com as diversas estruturas escolares, bem como na partilha de conhecimentos e informações para iniciar o ano letivo com o máximo de pré-preparação possível.

As metas e objetivos do PEE apontam claramente para: um trabalho de rigor e qualidade; posturas pró-ativas e interventivas; diferenciação pedagógica; reflexão individual e conjunta de resultados e processos; e, corresponsabilização e envolvimento de todos os agentes educativos. Foi com base nestes dados que tracei como objetivo

principal a orientação da prática profissional no sentido de contribuir efetivamente para o desenvolvimento desta cultura de rigor, qualidade e excelência junto dos meus alunos. Tendo em conta os bons resultados alcançados por estes, bem como o seu grau de felicidade e empenhamento na disciplina, considero que o objetivo foi integralmente cumprido.”

Pelo exposto, penso que tenho conseguido ao longo destes anos preparar e organizar as atividades letivas de uma forma coerente nos seus vários níveis hierárquicos, através de uma constante análise e reflexão do trabalho que vou desenvolvendo.

Considero, por isso, que tenho contribuído para o alcance dos Objetivos e das Metas do Projeto Educativo em cada escola, sendo comum a todas elas os objetivos de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e de promover um maior sucesso dos alunos.

3.2.2. Realização das Atividades Letivas

No âmbito da realização, ou seja, da intervenção pedagógica na aula de Educação Física, tendo como base Siedentop (1998) podemos considerar três dimensões que deverão estar sempre presentes, em simultâneo, e sob o domínio do professor: instrução, gestão e clima. Todas elas estão sempre presentes, simultaneamente, em qualquer episódio de ensino.

Ainda segundo o mesmo autor, podemos considerar o docente eficaz aquele que encontra meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas (Siedentop, 1998).

A dimensão instrução tem por âmbito todos os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do repertório do professor para comunicar informação substantiva. O aperfeiçoamento da apresentação da instrução permite a diminuição do tempo gasto na mesma. O aperfeiçoamento da utilização do feedback pedagógico, garantindo a pertinência e qualidade do mesmo, privilegiando o positivo, potencia o sucesso do aluno.

Nesta dimensão podemos definir que: a) a transmissão do exercício é a informação verbal e não verbal relativa aos objetivos e à matéria de ensino. Materializa-se no quê e no porquê das atividades de aprendizagem; b) a demonstração é a execução

de tarefas pelo professor ou alunos por forma a fornecer ilustrações visuais aos alunos das tarefas, na sua globalidade ou partes destas, ou aspetos específicos da execução das mesmas; c) o feedback pedagógico é a reação do professor à prestação motora ou cognitiva do aluno. É um instrumento essencial para que o aluno tenha noção dos seus comportamentos de várias ordens, servindo como mecanismo que despoleta a evolução.

Bloom (1979, cit. in Piéron, 1996) afirma que o feedback é um meio para que ocorra uma correção ou reforço dos comportamentos observados.

Siedentop (1983) e Piéron (1988) são autores fundamentais para a compreensão da importância que os sistemas de observação do desempenho do professor têm na análise da intervenção do mesmo (Sarmiento, Leça-Veiga, Rosado, Rodrigues e Ferreira, 1993).

Podemos então sistematizar o feedback pedagógico em quatro dimensões (Sarmiento, 2004):

- Objetivo: a) Prescritivo – informação sobre como deverá ser feita a execução seguinte do aluno ou o modo ideal de realização; b) Descritivo – descrição do modo como foi feita a execução do aluno para que este tenha noção da sua condição; c) Avaliativo – apreciação positiva ou negativa do professor de acordo com a qualidade da execução do aluno; d) Interrogativo – questionamento ao aluno sobre a sua execução, com o intuito de causar reflexão sobre as suas ações; e, e) Afetivo – com o objetivo de aumentar o índice de motivação e/ou confiança do aluno.
- Direção: a) Individual – informação de retorno dirigida apenas a um aluno; b) Grupo – informação de retorno dirigida a um grupo de alunos; e, c) Classe – informação de retorno em que existe a necessidade de informar toda a classe.
- Forma: a) Auditivo – informação de retorno transmitida utilizando o meio de comunicação oral; b) Visual – informação de retorno transmitida com recurso à demonstração; c) Quinestésico – utilização do contacto corporal como forma de indicar, através do tato, a otimização pretendida; e, d) Misto – utilização de mais do que um dos meios anteriormente referidos.

A gestão da aula é também classificada como fundamental na condução e controlo da aula de Educação Física. Desta, surgem aspetos como o controlo inicial da

atividade, verificação da disponibilidade de todo o material necessário, pontualidade, utilização de um processo de chamada rápido, estabelecer/combinar sinais de atenção, reunião e transição, utilização de interações e feedback positivo, utilização do entusiasmo, incitamento e elogio.

É possível referir que os instrutores mais eficazes na dimensão da gestão são aqueles que: repartem o tempo de aula de modo a criar um contexto de ensino que proporciona ao aluno mais tempo em tarefas de ensino-aprendizagem, estabelecem regras e formas concretas e explícitas de funcionamento da turma e chamam a atenção dos alunos para a necessidade do seu cumprimento. Apresentam ainda as seguintes capacidades de gestão: sabem o que se está a passar na aula, observam e controlam mais do que um acontecimento ao mesmo tempo, mantêm a atividade da turma sem paragens, mantêm um fluxo e um ritmo adequado à aula, mantêm os alunos empenhados na realização das suas tarefas e esforçam-se por manter os alunos interessados na atividade.

A dimensão clima é de fulcral importância na aula de Educação Física. Esta dimensão engloba as interações pessoais, as relações humanas e o ambiente que condiciona. Criar um bom clima de sala de aula é, fundamentalmente, realizar um conjunto de ações coerentes e eficazes para que os alunos se sintam bem dentro da mesma e para que possa haver as melhores condições, ao nível das interações pessoais, relações humanas e ambiente, para que estes tenham sucesso educativo.

O entusiasmo do professor e dos alunos na aula é uma das formas de promover um clima positivo. A interação, de modo positivo, interessado, inovador e encorajador, pelo professor é uma forma de proporcionar ao aluno motivos de interesse pela sua aula.

No que diz respeito ao meio escolar, é possível definir falta de disciplina como o incumprimento de: leis gerais da escola, normas de convivência e tarefas propostas, e regras específicas da disciplina. A experiência tem-me revelado que o estabelecimento de um clima de aula alegre, positivo, de rigor e de trabalho, bem como de uma relação professor-aluno com base na confiança mútua, honestidade e justiça abreviam a maior parte dos problemas.

Existem um conjunto de medidas possíveis de aplicar para a diminuição e modificação do comportamento inadequado tais como: ser específico, saber ouvir e ser audível, definir cuidadosamente as implicações da modificação requerida, agir gradualmente, ser consistente e congruente, utilizar linguagem compreensível e

adequada e utilizar eficazmente a comunicação não-verbal. Ainda assim, o ideal é a prevenção, evitando que os comportamentos fora da tarefa e desviantes ocorram.

Consegui, ao longo dos anos, em todas as turmas, concretizar o planeamento das atividades letivas, cumprindo todos os conteúdos programáticos definidos pelo grupo disciplinar para cada ano de escolaridade e cumprindo todos os objetivos de aprendizagem planeados e adaptados por mim para cada turma (tendo em conta as dificuldades encontradas de acordo com a avaliação inicial efetuada).

Em todas as escolas, investi no acompanhamento diferenciado e em estratégias de estimulação, para aquisição das diferentes competências ajustadas ao desenvolvimento individual de cada aluno; promovi a aprendizagem das diferentes competências inscritas nos diferentes conteúdos a abordar; fomentei o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade, tendo em conta o caráter complexo e diferenciado das aprendizagens escolares; utilizei, ao longo de todo o ano letivo, procedimentos de auto e heteroavaliação no contexto da avaliação formativa e sumativa, que se revelaram muito benéficos, quer ao nível da relação professor/aluno, quer na consciencialização por parte de cada aluno das suas reais capacidades e dificuldades.

Preocupei-me sempre com: a) o facto de cada aluno ser diferente em termos de objetivos e de capacidades; b) a recuperação do máximo possível de alunos, dedicando mais tempo e mais recursos aos que têm dificuldades; c) o potenciar do desenvolvimento máximo das aprendizagens de todos os alunos; e, d) a envolvimento dos alunos mais adiantados no apoio aos que revelam mais dificuldades.

Nas aulas teóricas, teórico-práticas e práticas, por forma a poder ampliar o meu leque de opções didáticas e proporcionar aos meus alunos aulas mais estimulantes e produtivas, recorri a várias fontes e a vários instrumentos, designadamente: computador, retroprojektor, leitor de DVD, recurso à Internet, trabalhos em diversos formatos informáticos, manuais escolares e os respetivos cadernos de atividades, o tradicional quadro de sala, o quadro portátil e o quadro interativo.

Utilizei o tradicional quadro portátil nas aulas práticas de Educação Física para: a) a elaboração de esquemas e palavras-chave facilitadores da aprendizagem; b) desenhos facilitadores da aprendizagem, quer de modelos tácticos, quer de gestos técnicos e habilidades complexas, como nas modalidades gímnicas; c) plantas e esquemas de montagem de material na aula com respetivos exercícios incluídos, revelando-se estas

excelentes para o desenvolvimento de competências como a autonomia, a organização do trabalho, a disciplina mental e o trabalho em equipa.

Preocupei-me sempre em ser claro e objetivo na forma como transmiti os conteúdos, para facilitar a sua compreensão, por parte dos alunos. Tive em especial atenção o uso correto da língua portuguesa.

O sucesso educativo dos alunos depende de um bom trabalho de equipa de todo o Conselho de Turma. Dei sempre o meu contributo mantendo uma postura pró-ativa e interventiva, participando sempre na construção e desenvolvimento do Plano de Turma.

Articulei a minha prática docente com o Conselho de Turma, seguindo as decisões e orientações emanadas do mesmo em cada turma. Este trabalho merece mais investimento e ser mais desenvolvido na escola, uma vez que é um fator determinante para: a) o sucesso educativo; e, b) o controlo da indisciplina, sendo que esta é uma área basilar em qualquer escola.

Disponibilizei-me para ajudar todos os meus alunos, aconselhá-los e incentivá-los em práticas e hábitos que contribuíssem para uma melhoria das suas aprendizagens, quer enquanto alunos, quer enquanto cidadãos. Nesse sentido, proporcionei-lhes, sempre que possível, situações que permitissem desenvolver atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, contribuindo para o crescimento da sua maturidade cívica e sócio afetiva. Solicitei sempre a participação, a pontualidade e a assiduidade às aulas, por forma a conduzir os alunos ao desenvolvimento de valores e atitudes positivas. Por outro lado, tentei também criar experiências que permitissem desenvolver a autoestima, elogiando e valorizando, sempre que considere apropriado, as atitudes e o trabalho dos alunos.

Recorri, muitas vezes, ao ensino diferenciado e adaptado para colmatar as dificuldades de alguns alunos, tendo em conta toda a envolvência social e cultural de cada um deles, responsabilizando-os também pela sua própria aprendizagem.

Na Escola José Gomes Ferreira lectionei uma hora de apoio semanal a título voluntário para todos os meus alunos. Tive especial atenção no 10º ano letivo, onde a avaliação inicial demonstrou uma grande heterogeneidade nos alunos em relação às competências adquiridas no 3º Ciclo; de uma forma genérica, os alunos novos na escola estavam piores que os alunos antigos. Este facto foi determinante para o planeamento das aulas e para a seleção das matérias mais fortes, para que todos os alunos

chegassem ao 11º ano letivo em condições de fazerem opções curriculares que lhes permitissem alcançar bons resultados.

Procedi à elaboração de planos educativos especiais para os alunos com Necessidades Educativas Especiais - as estratégias de intervenção formuladas revelaram-se muito eficazes. Um caso de sucesso, foi o de uma aluna que vinha com indicação do psicólogo para evitar participar em jogos coletivos, por motivos de pânico e desorientação. Ao longo do ano letivo foi superando o problema, através da construção de exercícios simples e individuais que foram progredindo de complexidade até a aluna conseguir trabalhar em grupo, sendo que esta conquista foi vital para a estabilização da aluna e a sua plena integração escolar. Outro caso de sucesso foi o de um aluno obeso com nível inicial negativo, especialmente na aptidão física, ginásticas e patinagem, que conseguiu superar as suas dificuldades e obteve uma classificação de 14 valores na Educação Física - neste caso a hora de apoio semanal que voluntariamente lecionei para os alunos com mais dificuldades foi fundamental para um trabalho mais individualizado.

As principais dificuldades encontradas estavam relacionadas com a abordagem a determinadas matérias e com a criação de rotinas na organização das aulas. Utilizei várias estratégias específicas, das quais destaco: a) uso do trabalho por áreas, tentando abranger várias matérias por aula, solicitando diferentes respostas motoras e procurando sempre a motivação pessoal dos alunos; b) implementação de um clima de aula favorável às aprendizagens, solicitando e estimulando a participação ativa, o empenho e a superação dos alunos; c) demonstrar disponibilidade para o acompanhamento individual, orientando a minha intervenção no sentido da superação das dificuldades dos alunos e da rentabilização das suas capacidades, regulando a sua atividade, apostando na sua criatividade, apresentando novos desafios, adaptando os objetivos e as exigências das tarefas, corrigindo, reforçando, recorrendo à demonstração e promovendo hábitos de cooperação e interajuda entre os alunos; e, d) gestão equilibrada dos comportamentos suscetíveis de criar problemas disciplinares, através do ensino e consolidação de rotinas de participação organizadas nas aulas e de regras de conduta, e de compromissos feitos com os alunos relativamente às regras e normas de funcionamento estabelecidas. A aposta para os próximos anos letivos residirá na otimização das aulas multidisciplinares, nomeadamente ao nível da organização das mesmas com o objetivo de reduzir, ainda mais, os tempos de transição.

Tenho recorrido a diferentes estratégias, nomeadamente: formação de grupos de nível ou heterogéneos consoante os objetivos perseguidos, pedagogia diferenciada,

ensino cooperativo, utilização de alunos “Modelo” e o trabalho por estações abordando várias matérias.

A ginástica acrobática é uma matéria onde o ensino cooperativo é particularmente eficaz e motivador. Nalgumas aulas formo pequenos grupos, levo documentação para consulta com esquemas e explicações técnicas e traço um objetivo de conseguirem fazer um número determinado de duos, trios ou pirâmides. Ao longo da aula os grupos vão aprendendo e realizando os exercícios em autonomia mas sempre com supervisão e apoio da minha parte, especialmente se solicitado. Como forma de motivação, recorro ao registo fotográfico das figuras apresentadas e vamos em conjunto comentando as fotografias, funcionando estas como um feedback pedagógico uma vez que os alunos vão corrigindo pormenores até “ficarem bem na fotografia”.

As estações permitem, por um lado, a lecionação de várias matérias e, por outro, a diferenciação de objetivos para os diferentes grupos de nível, adequando os exercícios às necessidades de cada um deles.

A maioria das vezes que utilizo a estratégia do aluno “Modelo”, coloco os alunos aos pares e defino claramente objetivos a serem alcançados no final da aula ou aulas pelo aluno com maiores dificuldades, tendo o aluno “Modelo” a tarefa de o ajudar.

Para Pires, Nisa e Rosa (1990) “ao professor cabe a tarefa de ensinar a aprender, de ensinar que se aprende para ensinar e se aprende ensinando”.

Ajusto constantemente os exercícios. A experiência tem-me demonstrado que os exercícios que resultam muito bem com uma determinada turma, não têm necessariamente que resultar com outra, mesmo que apresentem o mesmo nível na matéria lecionada.

Desenvolvi estratégias conducentes à concretização dos objetivos definidos para todas as turmas, procurando sempre um compromisso de equilíbrio, tendo-as ajustado, de forma eficaz, aos problemas particulares de cada turma, grupo de alunos ou aluno.

Tentei sempre “impor” um clima de aula que fosse, por esta ordem, de respeito, trabalho, alegria e de conhecimento mútuo. Ao longo dos anos, tenho percebido que a promoção de relações pessoais e coletivas “dinâmicas e verdadeiras” também se aplicam dentro de uma sala de aula e, quando devidamente enquadradas num clima de respeito, disciplina e trabalho, são potenciadoras do sucesso escolar, acabando por abreviar a maior parte das dificuldades que encontramos.

Analisando os resultados nas várias turmas ao longo dos anos, concluo que as expectativas iniciais foram sempre superadas. Na generalidade, as apostas foram ganhas e os objetivos cumpridos, contabilizando-se muito poucos alunos que não tiveram sucesso à disciplina e muitos alunos nos patamares médios e superiores de classificação da disciplina. Todas as minhas turmas participaram, dentro e fora da escola, em diversas competições e eventos desportivos, alcançando, quase sempre, muito bons resultados em todas as modalidades – considero este dado muito significativo do nível que consegui alcançar nas minhas turmas.

Para ilustrar o que acima foi descrito, e como forma de introduzir o próximo ponto deste relatório, passo a apresentar um excerto da minha avaliação de desempenho na Escola Secundária Mães D'Água:

“Devido essencialmente à excelente relação pedagógica professor-aluno, que desenvolvemos em dois anos de continuidade pedagógica, consegui introduzir novas modalidades que não estavam previstas inicialmente e aprofundar algumas matérias até ao nível Avançado do Programa Nacional de Educação Física. A título de exemplo, não posso deixar de referir, a turma 10º 7 - composta só por rapazes e apenas uma rapariga - que se libertou de preconceitos e cumpriu com sucesso e alegria o módulo de dança a pares!”

3.2.3. Relação Pedagógica com os Alunos

O Professor, enquanto interveniente no processo de ensino-aprendizagem, não deverá restringir-se à simples transmissão de conteúdos, deve também assumir a sua função de educador na transmissão de valores que contribuam para uma formação integral do aluno (Bento, 1999).

Considero que estabeleci uma relação pedagógica muito boa com todos os meus alunos, sempre com o objetivo de os levar à aquisição de competências, quer no âmbito da disciplina, quer ao nível pessoal e social. Foram valorizados aspetos, tais como: a autossuperação e a automotivação; a autoavaliação e a autocrítica construtiva; a dignidade; a solidariedade; a honestidade intelectual; o espírito crítico; o espírito desportivo; e o espírito de corpo. Em termos gerais, esta relação caracterizou-se por haver respeito, boa disposição e simpatia, sem se prescindir, nunca, da exigência necessária e responsabilização dos alunos perante os seus resultados, havendo um clima de abertura e diálogo, quer a nível individual, quer no conjunto turma, tanto para

falarmos de assuntos relacionados com as matérias e a escola, como para os problemas pessoais de cada um – foram inúmeras as vezes em que os alunos se dirigiram a mim, para um conselho, uma orientação, um desabafo ou um apoio. Procurei sempre conhecer o seu contexto social, económico e afetivo, por forma a acompanhar melhor o desenvolvimento da turma e de cada aluno, esforçando-me por ir ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Para Rosado (1998), “quaisquer que sejam os objetivos propostos ter-se-ão sempre mais possibilidades de os alcançar quando reine um clima positivo.”

Sou muito rigoroso com as regras estabelecidas, uma vez que considero este aspeto de grande importância para a formação dos alunos; sou também muito extrovertido e gosto de ter uma relação de grande proximidade com os mesmos. Esta proximidade permite-me ter, normalmente, um conhecimento profundo acerca da vida e dos problemas de cada um dos meus alunos, bem como dos seus gostos e preferências. Esta característica pessoal pode apresentar alguns riscos, sobretudo porque os alunos tendem a confundir proximidade com permissividade - especialmente quando me têm pela primeira vez como seu professor - contudo, ao longo dos anos, considero que esta postura tem sido muito responsável pela rapidez que tenho em conseguir controlar e motivar uma turma nova. As turmas que lecionei manifestaram o desejo de ter continuidade pedagógica na minha disciplina para o próximo ano letivo e eu partilhei sempre do mesmo desejo – mesmo nas turmas mais “complicadas”.

Lino (2007) diz que as intervenções de afetividade que o Professor tem no decorrer do processo de ensino desempenham um papel decisivo no clima da aula e consequentemente, na motivação, na confiança, na concentração e restantes aspetos que condicionam a predisposição do aluno para aprender.

Ocorreram três situações na Escola Secundária Mães D'Água que ilustram bem o que descrevi acima: a) Um aluno do 12º ano pede-me para entrar numa aula minha, do 8º ano, sem me dizer porquê, sem falar mais nada. Eu deixo-o entrar e vou tentando estabelecer diálogo enquanto leciono a minha aula. Acabo por perceber que o aluno só queria uma orientação, um ombro amigo, alguém de confiança e mais velho para partilhar a sua dor de não estar a conseguir “encarregar” com a disciplina de Português. Tentei corresponder o mais possível às suas expectativas e orientá-lo no sentido de não ter medo de enfrentar as suas dificuldades e fazer o possível para superá-las: falar com a professora da disciplina e Diretor de Turma, rever métodos de estudo, falar com os pais e eventualmente com a psicóloga da escola. Comuniquei a situação ao Diretor de Turma;

b) Uma aluna do 8º ano foi fortemente repreendida por mim por questões disciplinares graves, sendo que a turma acabou por se virar contra mim tentando boicotar a aula. Eu parei a aula e falei com a turma, ensinando-lhes que as decisões que eles tomam devem ser sempre com base em recolha e análise de dados e informações e não em aparências. Provei-lhes que tinha razão para repreender a aluna, mas que eles apenas ligaram à dureza das minhas palavras. No final da aula, revelando grande caráter e coragem, a aluna vem ter comigo, abraçando-me a chorar e pedindo-me desculpa. Eu acalmei-a e disse-lhe que as desculpas eram aceites e que não tinha de se preocupar mais. Posso dizer, com muito orgulho, que na última aula do ano desta turma fizemos um concerto de música espontâneo! Todos cantámos e lá estava a aluna com um sorriso descontraído a cantar também! c) Por último, uma situação com uma aluna do 12º ano que me tocou particularmente e para a qual não há muito a comentar. Às 18:30h quando terminámos uma aula, a aluna dirige-se a mim e pergunta-me: “Os seus filhos já lhe desejaram um Bom Dia do Pai?...”, “Por acaso ainda não... mais logo devem ter alguma surpresa...” respondo eu, “Posso desejar-lhe um Bom Dia do Pai? O meu pai não vive comigo e não me liga nenhuma...”.

O respeito dos alunos não se conquista através do medo, mas sim através da demonstração de um trabalho sério, devidamente planeado e de uma relação baseada no respeito e amizade.

Segundo Onofre (2000), citando Carreiro da Costa (1991), os professores mais eficazes, assumem uma intervenção preventiva, evitando a ocorrência de comportamentos desviantes e fora da tarefa e, quando têm que reagir aos alunos, procuram reorientar a sua atenção. Os professores menos eficazes, atuam sobretudo reagindo aos comportamentos de indisciplina, de forma remediativa, pública e interrompendo a atividade da aula.

A intervenção preventiva será mais eficaz se for realizada com a participação dos alunos (Onofre, 1995).

No início do ano explico claramente aos alunos os motivos da necessidade de chegarem a horas, de haver silêncio nos momentos de instrução, o porquê de não poderem ter objetos metálicos (brincos, anéis...), de saberem arrumar corretamente o material e de respeitarem todos os elementos da turma. Explico, igualmente, que a aula é um espaço de trabalho e que, apesar de poder haver momentos de maior descontração, é para estar sempre empenhado na tarefa e no seu próprio desenvolvimento, bem como no dos colegas. As primeiras aulas são fundamentais para se imporem rotinas, regras e

um clima de aula favorável ao bom desenrolar da aula. Por vezes é necessário voltar a relembrar todos os pontos acima mencionados para os consolidar nos alunos. No entanto, a experiência tem-me demonstrado que se for rápido a antecipar e/ou reagir às situações nas primeiras aulas demonstrando claramente o que considere positivo e punindo de acordo com o que expliquei de início, os alunos depressa entendem que sou coerente e então mais rapidamente aprendem a “saber estar” na aula e a usufruir da mesma.

3.2.4. Processo de Avaliação das Aprendizagens dos Alunos

A avaliação, para Stufflebeam e Skinkfield (1987, cit. in Rosales C, 1992), constitui um processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas e da planificação, com o fim de servir de guia para tomada de decisões, para solucionar os problemas e promover a compreensão dos fenómenos implicados.

Para Prata (1998), a avaliação representa uma atividade com propósitos formativos, reorientadores do processo tendo em vista a otimização dos procedimentos.

Ribeiro (1999) entende a avaliação como um processo que intenta acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem, identificando o que já foi alcançado e pretendendo encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se reformular o ensino e aumentar a sua qualidade. Assim, a avaliação incide sobre o desempenho do aluno e, até, sobre o plano de ação do professor, estando intrinsecamente ligada ao processo pedagógico.

As avaliações a que procedi enquadravam-se em três grandes tipos: Avaliação Inicial, Avaliação Formativa e Avaliação Sumativa.

Segundo o autor supracitado, a Avaliação Diagnóstica tem como propósito aferir as posições dos alunos face a novas aprendizagens, que lhe vão ser apresentadas, e a aprendizagens anteriores, que lhes servem de base. Desta forma, permite ao professor saber quais as possibilidades dos alunos e prevenir ou solucionar as dificuldades atuais ou futuras.

A Avaliação Diagnóstica tem como principal objetivo fornecer informações, ao professor e ao aluno, sobre os níveis iniciais de desempenho dos alunos a uma dada matéria, sendo um ponto de partida para a elaboração das unidades didáticas. Os dados recolhidos conduzem a tomadas de decisão através de uma adaptação do ensino às

características e níveis dos alunos, como a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e a adequação ou reformulação do planeamento. Desta forma, este tipo de avaliação realiza-se no início do ano letivo.

Segundo Ribeiro (1999), a Avaliação Formativa “pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e lhes dar solução”.

Assim, a Avaliação Formativa tem como principais objetivos verificar se o aluno está a atingir os objetivos previstos sob forma de conceitos, habilidades e atitudes, identificando as suas dificuldades, e recolher informações que permitam adaptar a ação pedagógica, aperfeiçoando o processo de ensino-aprendizagem.

A Avaliação Formativa assume um carácter contínuo, sendo realizada, naturalmente em todas as aulas, principalmente através da observação. É importante referir que todo o tipo de avaliação deve ser também formativa e que só com o envolvimento dos alunos em todos os processos da sua aprendizagem poderemos conseguir isto mesmo.

Segundo Ribeiro (1999), “a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”. Assim, tem uma função classificatória e o seu objetivo é atribuir uma nota definitiva, tendo por base os níveis de aproveitamento que foram anteriormente estabelecidos, ao sumariar o desempenho de um determinado aluno, num conjunto de objetivos de aprendizagem (Arends, 1995).

Este tipo de avaliação tem como principal objetivo aferir a progressão dos alunos e avaliar as suas aprendizagens durante a unidade didática, atribuindo-lhes uma classificação quantitativa. Outro objetivo, igualmente importante, é possibilitar ao professor avaliar o seu próprio trabalho durante a unidade didática.

Os Programas Nacionais de Educação Física definem a referência para o sucesso no final de cada ciclo de escolaridade. A partir daí o Grupo de Educação Física da escola define a referência para o sucesso nos vários anos de escolaridade.

Define também, tal como é recomendado, quando é que se considera que o aluno está apto a aprender um nível mais exigente do programa, isto é, quando é que o aluno cumpre determinada etapa da aprendizagem de uma dada matéria (por exemplo, está apto a aprender o Nível Elementar do Voleibol).

Apenas a Escola Secundária José Gomes Ferreira segue o programa nacional no que se refere à avaliação, abrangendo as três grandes áreas de avaliação da Educação Física (Atividades Físicas, Aptidão Física e Conhecimentos).

As restantes escolas onde lecionei ainda realizam a avaliação por domínios: psicomotor, cognitivo e afetivo. Embora, na prática, recorram aos programas para integrar as suas áreas na avaliação por domínios. A grande diferença reside na forma de atribuir a classificação final do aluno. Estas escolas atribuem uma percentagem a cada domínio, encontrando-se o valor para cada um deles de várias formas, consoante o professor. Ou seja, definem-se as matérias, definem-se os níveis desejáveis em cada matéria, para cada ano e ciclo letivo, definem-se as percentagens para cada domínio, mas a recolha e tratamento dos dados que efetivamente vai traduzir a nota do aluno são deixados à responsabilidade de cada professor. Daqui se conclui que, mesmo que todos os professores tenham a intenção em ser justos na avaliação das suas turmas, nunca haverá justiça, uniformidade de critérios e rigor entre turmas do mesmo ano letivo com professores diferentes. Outra das consequências deste método de avaliação é que os alunos ficam privados de entender claramente onde se situam e que objetivos perseguir em cada momento, o que perturba as suas aprendizagens e de certa forma os desresponsabiliza tirando-lhes autonomia na gestão da sua evolução. Alertei sempre para este facto nas reuniões de grupo e, pelo menos, o grupo de Educação Física da Escola Básica 2/3 dos Castanheiros já estava consciente deste facto e da necessidade de adequação da avaliação e das suas normas de referência aos programas nacionais.

Considero que a avaliação em Educação Física deve ser feita através de um registo rigoroso do que vai sendo observado, para que as decisões tomadas sejam fundamentadas com a maior objetividade possível.

Apesar de a avaliação formativa ser um processo constante ao longo de todo o ano letivo, tenho verificado que é especialmente benéfico o balanço que realizo com cada um dos meus alunos, individualmente, em privado, e que tem lugar no final dos dois primeiros períodos letivos. Penso que neste momento que precede a atribuição de uma classificação os alunos estão particularmente recetivos a reflexões e mudanças. Os processos de avaliação são fundamentais para o envolvimento dos alunos nas suas aprendizagens, situando-os no presente e corresponsabilizando-os na planificação do trabalho para a superação de novos desafios.

No âmbito da avaliação dos alunos, cumpri sempre rigorosamente os critérios definidos pelo grupo disciplinar. Participei com responsabilidade profissional no trabalho

do grupo disciplinar para o aperfeiçoamento e aferição dos critérios de avaliação. Norteie-me pelos princípios da imparcialidade, do rigor e da justiça.

Recorri, à avaliação diagnóstica; à avaliação formativa aplicada em vários momentos ao longo de cada período letivo, aferindo e (in)formando os alunos relativamente ao seu processo de aquisição de conhecimentos; à sumativa, também ao longo do ano letivo, com o objetivo de apurar essa mesma aquisição; e, às auto e heteroavaliações, como forma de corresponsabilizar os próprios alunos e de lhes inculcar os princípios acima referidos.

Construí instrumentos de avaliação práticos e exequíveis no contexto de aula prática que cobre a disciplina, recorrendo às Tecnologias de Informação e Comunicação, como sejam, as grelhas de observação e registo de competências para as várias matérias lecionadas, meios auxiliares de ensino (figuras demonstrativas e explicativas da técnica específica de algumas modalidades), a elaboração de grelhas que fomentassem na aula a auto e heteroavaliação, para além de que sempre participei com responsabilidade profissional no trabalho do grupo disciplinar para o aperfeiçoamento e aferição dos critérios de avaliação.

Na aula de apresentação explico aos alunos como é feita toda a sua avaliação, nomeadamente nas três áreas em que são avaliados (Atividades Físicas - Matérias, Aptidão Física e Conhecimentos), os Critérios de Avaliação e a Referência para o Sucesso da disciplina. Neste sentido, é sempre entregue um documento para ser partilhado com os encarregados de educação.

Em todas as aulas os alunos podem consultar as fichas de registo das matérias abordadas. Têm, igualmente, a possibilidade de consultar fichas onde constam as várias competências que o aluno deve atingir nos vários níveis (introdutório, elementar e avançado) de cada matéria – na maior parte das matérias tenho esquemas e desenhos para cada nível. Tenho um pequeno *dossier* com todos estes documentos que está sempre presente nas minhas aulas. Desta forma, consigo que o aluno se autoavalie em todas as aulas e tenha a clara perceção das competências que já adquiriu e das que estão por adquirir, como também de todos os seus colegas, indo ao encontro do que está recomendando no Programa Nacional de Educação Física - "Os procedimentos aplicados devem assegurar a utilidade e a validade dessa apreciação, ajudando o aluno a formar uma imagem consistente das suas possibilidades, motivando o prosseguimento ou aperfeiçoamento do seu empenho nas atividades educativas e, também, apoiando a deliberação pedagógica" (Programa Nacional de Educação Física, 2001).

Assim, a avaliação é vista como um excelente instrumento de aprendizagem, indo ao encontro de estudos realizados por Villar Alvarez (1993). Este autor analisou a evolução do conhecimento pedagógico de professores-estudantes ao longo das primeiras experiências de ensino e concluiu, relativamente à avaliação, que a mesma foi inicialmente percebida como um instrumento de controlo da turma, tendo evoluído para a ideia de instrumento de aprendizagem.

Considero que, com este tipo de avaliação (com um carácter formativo constante), se pode criar uma escola em que todos tenham sucesso e em que todos se sintam gratificados e felizes com o trabalho que desenvolvem, uma vez que os alunos participam ativamente no seu processo de avaliação, desenvolvendo o seu espírito crítico e cooperativo, a autonomia, o empenhamento, a responsabilidade, o sentido de justiça, a solidariedade e o respeito pelos outros.

No que respeita à Aptidão Física, é aplicado o Protocolo de Avaliação da Condição Física, onde estão previstos os principais testes do Fitnessgram. Na Escola Secundária Mães D'Água realizamos, adicionalmente, testes de condição física e atletismo, cujos resultados determinam a participação do aluno num mega torneio concelhio de Atletismo. Estes testes são aplicados em todos os períodos tendo por referência os valores da Zona Saudável de Aptidão Física do Fitnessgram e das tabelas de escola.

Os Conhecimentos são avaliados de várias formas. Através da realização de testes escritos em todos os períodos e/ou através de trabalhos individuais ou de grupo. Durante as aulas reservo algum tempo para introduzir conceitos e questionar os alunos. O aluno durante as aulas na sua prática tem que demonstrar que faz mas também que sabe verbalizar como se faz nas várias matérias. No terceiro ciclo recorro preferencialmente a testes escritos; no secundário opto sobretudo por trabalhos de pesquisa em grupo a serem apresentados à turma, contemplando sempre um momento de aplicação prática numa aula.

Ao analisar as avaliações iniciais efetuadas, posso considerar que a evolução das aprendizagens foi sempre significativa no decorrer dos períodos. Comparando com os resultados da disciplina nas diferentes turmas, nos respetivos anos de escolaridade, o aproveitamento dos meus alunos igualou ou superou a média da escola em todas as escolas onde lecionei. Os resultados finais alinharam-se ou superaram os atingidos no ano letivo anterior. Estes factos foram verificados quer nos balanços realizados dentro do

grupo de Educação Física, quer no final de cada período com os quadros comparativos entre disciplinas e turmas em sede de departamento.

Nem todos os alunos que atingiram níveis de excelência a outras disciplinas conseguiram o mesmo a Educação Física. Outros houve, em que a nota desta disciplina era a mais alta. No entanto, foram poucos os casos e perfeitamente justificáveis, dada a natureza específica desta disciplina.

3.3. Dimensão Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa

Recorrendo ao conceito clássico de Henri Fayol, podemos definir qualquer organização como um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, seja em grupo, seja individualmente mas de forma coordenada e controlada, atuando num determinado contexto ou ambiente, com vista a atingir um objetivo pré-determinado através da afetação eficaz de diversos meios e recursos disponíveis, liderados ou não por alguém com as funções de planejar, organizar, liderar e controlar.

Pensar numa organização exige forçosamente que se pense nas pessoas que a constituem, que trabalham e cooperam na consecução de objetivos comuns e nas relações que estabelecem entre si (Teixeira, 1995).

A escola não é de forma alguma uma entidade estanque. Desta forma, para entende-la na sua plenitude é necessário conhecermos o conceito de comunidade educativa, que podemos definir como: “o conjunto do pessoal docente e não docente de uma Escola ou Centro Educativo e os seus alunos e encarregados de educação e respetivas associações. (...) São ainda parte da comunidade educativa, os representantes das organizações e associações que desenvolvam atividades sociais, económicas, culturais e científicas e estejam interessadas no processo educativo” (Formosinho, Fernandes e Lima, 1988).

3.3.1. Contributo para a Realização dos Objetivos e Metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de Atividades

Os objetivos individuais – aceites e aprovados pela direção escolar e sempre delineados de acordo com o projeto educativo e os planos anual e plurianual de atividades - foram cumpridos e na generalidade superados. Cumpri com o serviço que me

foi distribuído, quer ao nível da componente letiva, quer ao nível da não letiva. Os programas foram devidamente cumpridos. Fui assíduo e pontual. As faltas que dei foram devidamente justificadas, deixando sempre plano de aula para a substituição, quando estas foram previstas. Assegurei sempre a Substituição de Professores e a Sala de Estudo nas horas que me foram destinadas.

Particpei em vários projetos previstos no Plano Anual de Atividades que visaram o enriquecimento e a integração dos alunos na vida da escola e na melhoria das relações na comunidade educativa.

O Desporto Escolar pretende: a) contribuir para o combate ao insucesso e abandono escolar e promover a inclusão, a aquisição de hábitos de vida saudável e a formação integral dos jovens em idade escolar, através da prática de atividades físicas e desportivas; e b) proporcionar a todos os alunos acesso à prática de atividade física e desportiva como contributo essencial para a formação integral dos jovens e para o desenvolvimento desportivo Nacional. Concorro inteiramente com os seus valores os quais estão sempre na base da minha atuação:

- Inovação - nas estratégias, iniciativas e processos, para promover a participação dos jovens e da comunidade em geral;
- Trabalho de equipa - para conjugação de esforços na promoção de regras e valores;
- Universalidade e equidade - para que todos tenham igual acesso promovendo a inclusão garantindo a individualidade de cada um;
- Motivação - de todos os intervenientes na procura das melhores práticas;
- Comunicação e credibilidade - como forma de alcançar o reconhecimento de toda a comunidade;
- Cumprimento e Excelência - assumindo as tarefas para além das obrigações tendo em vista o melhor desempenho possível.

Tal como na Educação Física, pretendo sempre contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos do grupo-equipa do Desporto Escolar, cultivando valores tais como o espírito de entreajuda, o respeito pelo próximo, a coragem, a amizade, a autonomia, a autossuperação, o *fair-play*, a resiliência, a solidariedade e o desportivismo.

Dinamizei o Grupo Equipa de Futsal, na Escola Secundária Mães D'Água, no âmbito do Desporto Escolar, cumprindo sempre o programa de treinos e o calendário desportivo. Organizei e dinamizei, individualmente, vários encontros oficiais do Desporto Escolar nos três anos em que estive nesta escola. Envolvi os meus alunos do Curso Tecnológico de Desporto, que usaram o Desporto Escolar como forma de realizar algumas das suas Atividades Referentes. Este núcleo foi fundado por mim, sendo que alguns destes atletas/alunos transitaram naturalmente para o desporto federado. O núcleo permanece ativo até aos dias de hoje.

Devido às boas práticas nos últimos três anos de Futsal, enquanto dinamizado por mim, o Gabinete do Desporto Escolar escolheu esta escola e o núcleo que dirigi para organizar as meias-finais oficiais no último ano em que estive na escola. Passaram pelo Desporto Escolar, no total, cerca de 100 alunos, dos quais cerca de 30 treinaram regularmente. A escola levou sempre o número máximo de jogadores permitido nos torneios oficiais.

Dinamizei o Grupo Equipa de Futsal no âmbito do Desporto Escolar, cumprindo sempre o programa de treinos e o calendário desportivo na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros. Organizei e dinamizei dois torneios oficiais abertos a outras escolas do concelho. Passaram pelo Desporto Escolar cerca de 40 alunos, dos quais cerca de 20 treinaram regularmente. A escola levou sempre o número máximo de jogadores permitido nos torneios oficiais. É de destacar a inclusão e integração harmoniosa dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, alguns dos quais foram convocados para todos os jogos oficiais, comparecendo a todos, graças à estreita comunicação e articulação que estabeleci com alguns elementos da instituição “Obra do Padre Abel”. Tive sempre uma atitude proativa na gestão de recursos da escola, tomando a iniciativa de partilhar, sempre que possível, o meio de transporte com outros grupos-equipa, mesmo de outras escolas. Alguns encarregados de educação também se envolveram, acompanhando os seus educandos aos jogos.

Na Escola Secundária José Gomes Ferreira, dinamizei o grupo equipa de Juniores Femininos de Voleibol no âmbito do Desporto Escolar, cumprindo sempre o programa de treinos e o calendário desportivo. O grupo-equipa de Voleibol começou com 3 alunas, acabando com 25, das quais 12 treinaram regularmente. Foi fundamental a implementação de um espírito de grupo que tornou muito prazerosos os processos de superação individual e coletiva, que a acontecer na escola criam vínculos de identificação com a mesma, que promovem a adoção de atitudes positivas dos alunos em relação a

todo o universo escola. Organizei e dinamizei, com muito sucesso, três torneios oficiais do Desporto Escolar na escola - sempre com o apoio voluntarioso de alunos da escola na organização. Este facto contribui para a consolidação do grupo-equipa, bem como para a valorização da imagem da escola junto da comunidade. Os encarregados de educação também foram envolvidos, acompanhando sempre os seus educandos aos jogos.

A Escola Secundária José Gomes Ferreira foi distinguida pela qualidade de gestão do Desporto Escolar. A grande diferença para a maioria das escolas, na minha opinião, reside no planeamento rigoroso dos horários dos treinos. Estes são sempre marcados a horas que permitam que todos os alunos possam participar e em que o espaço necessário para a atividade esteja completamente disponível. Há outro fator muito importante, o da continuidade. As modalidades são apostas para a escola a longo prazo, tentando que estas se incluam nos processos identificativos que levam à instituição de uma cultura de escola. Por último, a aposta é feita na modalidade em vários escalões etários, o que acaba por consolidar o fator da continuidade.

Proporcionei aos alunos a exploração das suas capacidades, integrando-os em diversos projetos, como por exemplo no Desporto Escolar. Estas ações representam uma contribuição fulcral para o reconhecimento da importância da escola por parte dos alunos.

Considerando-me uma pessoa envolvida pela e na vida da Escola, participei e colaborei em múltiplas atividades promovidas pelos diversos Departamentos (que não só o meu) e/ou colegas.

Neste sentido, participei na organização e dinamização de todas as atividades do grupo de Educação Física, internas e externas, previstas no Plano Anual de Atividades, bem como em todas as ações de formação internas. A destacar: Corrida de Precisão - 2º/3º ciclos; Corta-mato - 2º/3º ciclos; Interturmas de Basquetebol - 2º/3º ciclos; Interturmas Futsal – 3º ciclo; Interturmas de Voleibol - 3º ciclo; Dia das Expressões; Show Time - 3º ciclo; Dia Desportivo na Praia; Interturmas do Mata - 2º ciclo; Dia do Primeiro Ciclo; Dia Radical; e, Viagem e Acantonamento de Finalistas - 9º ano.

A Viagem de Finalistas na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros contou com o envolvimento da associação de pais, tanto humano, quanto financeiro. Este envolvimento resultou no abreviar de dificuldades financeiras por parte de alguns alunos e numa reportagem fotográfica da viagem registada em DVD (na posse da escola).

Fiz parte da equipa do Departamento de Expressões que concebeu, dinamizou e organizou o Dia das Expressões. Este dia ocorreu em articulação com os outros

Departamentos e outras estruturas da comunidade, como, por exemplo, a Fanfarra do Corpo de Bombeiros de Caneças. Foi um dia aberto à comunidade, que contou com a presença e participação dos encarregados de educação, familiares e amigos dos alunos da escola.

Concebi e dinamizei, individualmente, alguns projetos que envolveram toda a comunidade educativa: Exposição “A Solidariedade”; Apresentação de trabalhos sobre o tema “Profissões” com intervenção de elementos da Comunidade Educativa no âmbito da disciplina de Formação Cívica.

Particpei em diversas visitas de estudo, em diversos locais, tais como: B.D. da Amadora, Convento e Tapada de Mafra, Pavilhão do Conhecimento – Parque das Nações, Centro Cultural de Belém.

Particpei e organizei atividades desportivas que envolveram a Junta de Freguesia da Falagueira, o Departamento de Educação e Cultura da Câmara Municipal da Amadora, todas as escolas públicas do ensino secundário, 2º e 3º ciclos do Concelho da Amadora e, ainda, escolas da Zona Pedagógica. Fui, igualmente, responsável por algumas saídas dos alunos nos Torneios Concelhios da Amadora e no evento Amadora Educa.

Particpei, com os alunos, no concurso de “Objetos Voadores”, em conjunto com a disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

No âmbito da disciplina de Formação Cívica, organizei trabalhos de grupo e a pares, dramatizações feitas pelos alunos, debates recorrendo a textos diversificados sobre os assuntos abordados, projeção de filmes com respetiva ficha de visionamento informatizada – usando o quadro interativo e poupando recursos à escola.

Fui responsável pela conceção de um cartão de Natal, dirigido ao Diretor da escola, envolvendo os alunos e outras áreas disciplinares em todo o processo, usando as Tecnologias de Informação e Comunicação, com sugestões de melhoria da qualidade da escola a vários níveis.

O profundo conhecimento do contexto escolar e do Projeto Educativo de Escola, bem como uma constante reflexão sobre as atividades desenvolvidas, são fundamentais para a construção de planos de ação e atividades que sejam realmente pertinentes e ajustados a cada população escolar. Desta forma, conseguimos alcançar, não só os objetivos intrínsecos de cada ação e atividade, como também os valores e missão de

cada escola. Só assim podemos criar uma verdadeira cultura de escola que, em última análise, potencie o sucesso educativo de cada aluno.

3.3.2. Participação nas Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica e nos Órgãos de Administração e Gestão

Fui nomeado para elaborar várias matrizes e provas referentes à disciplina de Educação Física, nomeadamente: a Prova de Equivalência à Frequência da disciplina no Ensino Secundário e as Provas das Épocas Especiais de Avaliação de vários módulos da disciplina nos Cursos Profissionais na Escola Secundária Mães D'Água. Concomitantemente, tenho sido nomeado também como Coadjuvante, Corretor e Relator dessas mesmas provas.

Encaro estas nomeações para a realização de documentos e tarefas tão importantes e de grande responsabilidade como um reconhecimento do meu trabalho, competência e profissionalismo.

Tenho demonstrado uma atitude participativa, assertiva e responsável, empenhando-me no bom funcionamento das estruturas escolares onde estive inserido, especialmente nos Conselhos de Turma, nas reuniões de Departamento e de grupo disciplinar. Tomei sempre parte ativa nos grupos de trabalho, manifestando as minhas opiniões, apresentando ideias e sugestões, no sentido de contribuir para o melhor funcionamento da escola e das suas estruturas, na produção e revisão de materiais e documentos, bem como no desenvolvimento e implementação do Projeto Educativo de Escola e do Plano Anual de Atividades, participando em vários projetos previstos no mesmo - dentro e fora da escola - que visaram o enriquecimento e a integração dos alunos na vida da escola e a melhoria das relações com a comunidade educativa.

Realizei todas as tarefas que me foram distribuídas, tanto pelo Departamento, como pelos Conselhos de Turma. Mantive-me sempre em contacto com os Diretores de Turma por diversos motivos, como, por exemplo, para que estes transmitissem aos encarregados de educação informações sobre os seus educandos. Participei na construção, desenvolvimento e avaliação do Projeto Curricular de Turma.

A Direção da Escola Básica 2/3 dos Castanheiros, no meu segundo ano a lecionar na mesma, inquiriu-me se queria fazer parte da equipa que iria conceber e implementar o Projeto Crescer+ dirigido a alunos com Necessidades Educativas Especiais, designadamente aqueles com Currículo Específico Individual, demonstrando confiança

nas minhas capacidades e reconhecendo-me competência para enfrentar tal desafio. Senti-me honrado e aceitei.

Particpei no desenvolvimento curricular do Projeto Crescer+, tendo-me servido dos conhecimentos adquiridos previamente na área da Educação Especial. Fui também responsável pela dinamização de uma parte desse currículo dedicado à expressão pela arte e desporto.

O projeto envolveu algumas ações pedagógicas particularmente criativas como, por exemplo, a aquisição de competências linguísticas e sociais através da música, que culminou numa apresentação musical na sala de professores envolvendo funcionários da escola. Esta ação ficou devidamente documentada em filme com arquivo a cargo do professor Simão Lomba.

Ainda no âmbito do Projeto Crescer+, foi desenvolvida a atividade de Dança, de forma inovadora, com a particularidade de envolver também alunos externos ao projeto, que responderam bem ao meu convite para a participação na mesma. Esta atividade resultou numa verdadeira ação de inclusão e integração com muito sucesso que, novamente, culminou numa apresentação à comunidade escolar, no auditório da escola, alargada a todas as escolas do agrupamento, inserida na peça de teatro de final de ano desenvolvida também no âmbito do Projeto Crescer+. O balanço final foi extremamente positivo porque os alunos melhoraram as suas competências motoras e sociais; adicionalmente, o reconhecimento da escola ajudou à sua melhor integração na mesma o que elevou a autoestima destes alunos que frequentemente é baixa.

Colaborei e cooperei com os Conselhos de Turma e com os encarregados de educação na aplicação de estratégias conducentes à inclusão de todos os alunos na escola.

Colaborei com os Conselhos de Turma para o bom cumprimento de todas as suas funções, secretariando reuniões, levando assuntos a discussão e votação, promovendo e participando nas visitas de estudo assim como no desenvolvimento do Projeto Educativo de Escola e Plano Anual de Atividades. A título de exemplo, na Escola EB 2/3 dos Castanheiros: a) levei a Conselho de Turma o caso de uma aluna que me pareceu estar a vivenciar uma situação de pobreza algo encoberta, o que culminou no angariar de roupa e armações para óculos permitindo à aluna estar mais segura e confiante nas aulas; e b) na visita de estudo ao Centro de Ciência Viva de Constância no âmbito da disciplina de Ciências Naturais propus a inclusão de atividades desportivas no parque de

Constância, junto ao rio, para tornar a visita mais enriquecedora do ponto de vista curricular.

No que diz respeito à direção de turma, os resultados foram excelentes. A turma era muito heterogénea a nível cognitivo contendo em igual proporção alunos com elevado desempenho escolar e alunos com desempenho escolar apenas suficiente ou mesmo insuficiente. Além disto, a turma tinha três alunos com necessidades educativas especiais e alguns alunos muito carenciados. Implementei um espírito de solidariedade e de entreajuda muito grande na turma, desenvolvido especialmente em Formação Cívica através de trabalhos de pesquisa, debates, visualização e análise de filmes. Em dois anos seguidos, o 7ºC e o 8ºC foram a melhor turma coletivamente ao nível dos resultados escolares havendo lugar para quadros de honra e de mérito. Consegui, através do contacto permanente com os encarregados de educação e da implementação de um sistema rigoroso de responsabilização junto dos mesmos e dos seus educandos, níveis de assiduidade e pontualidade muito elevados. Todos os “desvios”, pequenos ou grandes, e existiram alguns, foram analisados e tratados com rapidez e eficácia. Para o sucesso deste ponto foi essencial o desenvolvimento de uma relação pedagógica sólida e de confiança e a implementação de um clima de turma positivo.

Foi também essencial um trabalho colaborativo entre todos os professores da turma, formalmente em Conselho de Turma e informalmente, na sala de professores ou usando o telefone fixo ou móvel, correio eletrónico e recados escritos. O processo de partilha de informações e conhecimentos foi sempre mediado por mim, enquanto Diretor de Turma, e formalizado no Projeto Curricular de Turma.

As competências do Diretor de Turma desenvolvem-se na sua relação com os professores, com os alunos e com os encarregados de educação, assumindo uma posição estratégica e privilegiada no contacto com todos os membros da comunidade educativa.

Segundo Marques (1997), são competências indispensáveis à função desse cargo, uma relação fácil com todos os membros da comunidade educativa, bem como outras características de personalidade, tais como a tolerância, a compreensão e a firmeza. Além disso, o Diretor de Turma deverá ainda possuir bom senso, ponderação, dinamismo e método aliados à capacidade de prever e solucionar problemas.

O Diretor de Turma tem no seu horário um tempo letivo para atendimento ou contactos com os encarregados de educação e dois tempos letivos para a realização de uma série de tarefas burocráticas, tais como: organização dos processos individuais dos

alunos, registo de faltas, lançamento de notas, organização do *dossier* da turma e elaboração de um Projeto Curricular de Turma.

Considerando que muitos dos encarregados de educação têm horários de trabalho difíceis de compatibilizar com os da escola, e para minimizar o facto de vários não comparecerem às reuniões ou no horário de atendimento, disponibilizei-me sempre para os receber fora do meu horário de atendimento, o que aconteceu variadíssimas vezes. Desta forma, facilito ao encarregado de educação o acompanhamento do percurso escolar do seu educando, envolvendo-o também na dinâmica da escola, um dos objetivos transversais a todas as escolas.

Também nas reuniões de encarregados de educação, tento sempre que estes sejam mais participativos na vida escolar dos seus educandos, explicando-lhes a importância que isso pode ter no sucesso dos mesmos. Procuro estabelecer com eles uma relação de respeito e confiança fornecendo-lhes todas as informações necessárias.

O Projeto Curricular de Turma visa fundamentalmente: promover o trabalho em equipa dos professores; centrar a ação educativa na aprendizagem dos alunos; promover a coordenação do processo de ensino; facilitar a adoção de estratégias de intervenção multidisciplinar; e, adequar as estratégias do ensino às características dos alunos e à natureza dos cursos que estes prosseguem.

O Diretor de Turma deverá coordenar a elaboração, implementação e avaliação desse plano pelo Conselho de Turma que o adequa ao contexto de cada turma.

Nele devem constar, entre outros elementos, a caracterização da turma, identificação de problemas, estratégias para os superar, planos curriculares e critérios de avaliação das várias disciplinas, visitas de estudo e projetos.

Todo o trabalho que envolve a direção de turma foi sempre realizado dentro dos prazos previstos. O registo de faltas dos alunos foi feito semanalmente, os processos individuais dos alunos foram conferidos no início do ano letivo, organizados ao longo do ano e completados no final do 3º período letivo.

Mantive sempre o *dossier* da turma organizado, de forma a poder ser consultado e, preparei e presidi às reuniões de Conselho de Turma e com os encarregados de educação.

Todas as informações sobre a turma foram sempre transmitidas aos restantes professores, com a maior brevidade possível, por correio eletrónico, pessoalmente, por escrito ou nas reuniões do Conselho de Turma.

No final do ano letivo e de acordo com a legislação, elaborei sempre um relatório sobre o trabalho desenvolvido ao longo desse ano.

Considereei ser muito importante para o sucesso educativo dos alunos a promoção de um trabalho de equipa, ativo e eficaz através da mobilização do Conselho de Turma para a participação na construção e desenvolvimento do Projeto Curricular de Turma.

A Gestão da Planta da Sala, na minha Direção de Turma, foi sempre elaborada, com muito sucesso, na disciplina de Formação Cívica pelos alunos, em articulação com o Conselho de Turma, seguindo as suas orientações definidas em Projeto Curricular de Turma que se resumiam à necessidade de formação de pares pedagógicos, em que um aluno é tutor de outro aluno, nunca podendo existir um par com ambos os alunos com baixos resultados ou com resultados muito bons.

Estabeleci sempre uma comunicação e articulação com os Órgãos de Gestão da escola para que os alunos com dificuldades económicas pudessem participar em todas as atividades que requeressem financiamento por parte dos alunos e das suas famílias. Fi-lo sempre na minha direção de turma, abrangendo, algumas das vezes, alunos de outras turmas também.

Na minha direção de turma, o Conselho de Turma aprovou um projeto inovador de apoio pedagógico a Inglês, a pares - um aluno tutor é responsável por outro aluno com dificuldades na disciplina - e sem o professor da disciplina presente, responsabilizando os alunos pelas suas aprendizagens. Decorreu durante a hora de Tutoria. Usámos fichas impressas, as Tecnologias de Informação e Comunicação com recurso à Internet e meios multimédia devidamente pré-preparados pela professora da disciplina. Foi uma experiência com bastante sucesso para alguns dos alunos visados e que, como tal, deverei continuar a implementar e melhorar nos próximos anos letivos.

Ainda em Tutoria, prestei apoio individualizado a praticamente todos os alunos, a nível escolar, pessoal e familiar, sempre com autorização e colaboração dos encarregados de educação.

Estabeleci relações cordiais com todos os encarregados de educação da minha direção de turma, envolvendo-os na vida escolar dos seus educandos.

Nas questões disciplinares da minha direção de turma, e não só, envolvi sempre os alunos e os encarregados de educação nos processos de decisão, e, nalguns casos, em estreita colaboração com a direção da escola, com rapidez e eficácia. A minha ação teve sempre impacto na conduta subsequente destes alunos.

Como Diretor de Turma, sempre fomentei um olhar atento sobre cada aluno e as suas necessidades em sede de Conselho de Turma, articulando com a Educação Especial, Direção da Escola, Técnicos de Educação, Psicólogos da Escola e Encarregados de Educação. Como resultado, foram referenciados alunos para a Educação Especial e encaminhados alunos para Cursos de Educação e Formação.

Particpei em todas as reuniões dos Conselhos de Turma (tendo presidido as da minha direção de turma), dos conselhos de departamentos, nas reuniões de grupo e realizei todas as tarefas que me foram atribuídas.

Nas turmas onde fui secretário, desempenhei sempre o cargo com competência e eficácia, mantendo uma atitude proativa para com os diretores de turma.

Particpei e colaborei ativamente no projeto da Sala de Estudo.

Colaborei com os Conselhos de Turma e Órgãos de Gestão da escola na sensibilização das famílias para o papel fundamental da escola na educação e formação dos seus educandos.

Na Escola Básica 2/3 dos Castanheiros, o professor Simão Lomba confiou-me o papel de responsável pela informática no gabinete de Educação Física, supervisionado pelo próprio.

Os meus conhecimentos de informática, em todas as escolas, foram usados em prol do grupo e da escola, numa atitude voluntariosa e dinâmica. Enquanto responsável pela informática no gabinete de Educação Física, resolvi problemas de instalação e configuração de *hardware*, sistema operativo e *software*. Produzi vídeos, fotografei e editei fotografias, elaborei cartazes de divulgação, gravei diversos CDs, fiz montagens de áudio para coreografias e inseri os conteúdos nos sítios da Internet onde a escola está representada. Esta tem sido uma área frágil nos grupos disciplinares onde tenho estado inserido e onde tenciono continuar a contribuir para torná-la mais forte.

3.4. Dimensão Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida

3.4.1. Formação Contínua e Desenvolvimento Profissional

No que concerne à atualização dos meus conhecimentos científicos e pedagógicos, faço o acompanhamento permanente de novas publicações e estudos na

área da minha especialidade. Senti sempre a necessidade de me atualizar e reciclar conhecimentos orientados para a melhoria da minha prática docente.

Tenho, igualmente, investido na minha formação e desenvolvimento profissional no Treino de Competição na modalidade de Ténis, na qual sou treinador, e na área da Gerontomotricidade, na qual sou responsável, já há dez anos, por um projeto desportivo dirigido à população idosa da freguesia de Carnide, Lisboa. Todas estas formações e experiências enriquecem-me profissionalmente, sendo que algumas das competências que vou adquirindo e desenvolvendo têm aplicação direta na minha atividade docente.

A minha formação e experiência na Área da Música foi fundamental para o enriquecimento do Projeto Crescer+, já referido anteriormente. Isto leva-me a concluir que é cada vez mais necessário nas escolas, professores que sejam especialistas nas suas áreas disciplinares mas cujo conhecimento e “espetro de ação” seja abrangente o suficiente para responder aos novos desafios da educação.

Participei numa Ação de Formação de 50 horas (2 créditos) em Danças de Salão e Latinas que me permitiu aprofundar, ainda mais, os conhecimentos que já possuía nesta área.

Participei numa Ação de Formação sobre a Educação Sexual nas Escolas, promovida pela escola. Esta formação foi essencial para perceber melhor o estado de implementação em que se encontra esta nova área disciplinar.

Participei na Ação de Formação “Métodos de Estudo – Como ensiná-los a estudar melhor” com o objetivo de melhorar o meu desempenho como Diretor de Turma, nomeadamente em Formação Cívica e Tutoria.

Participei numa formação interna sobre Quadros Interativos na Sala de Aula para tornar as minhas aulas mais apelativas, aos usar vídeos e a internet para demonstrações ou apresentações em formato digital nas aulas teóricas. É preciso não esquecer que, infelizmente, em algumas escolas com menores recursos, quando as condições atmosféricas são adversas à prática desportiva a única solução é a sala de aula.

Participei em formações internas, promovidas pelo grupo disciplinar, de Danças Sociais, Danças Tradicionais e Andebol. Estas formações funcionam também para uma maior coerência nas práticas letivas de todo o grupo daí concluir que são de toda pertinência.

Participei, ajudei à divulgação e produzi documentação para a realização do Congresso Extraordinário de Educação Física, que decorreu em 12 de julho de 2012.

Ao matricular-me no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário demonstrei um verdadeiro compromisso com a construção do conhecimento profissional no sentido de abordar algumas matérias que não tinham sido objeto de estudo na Licenciatura.

No primeiro ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário, destaco as disciplinas de: Estratégias de Inclusão em Educação Física e Dimensão Europeia do Ensino da Educação Física e do Desporto Escolar. Estamos num momento crucial para a Educação, quer na Europa, quer em Portugal, em que estão a mudar os paradigmas na direção de uma escola mais inclusiva, mais aberta à comunidade, mais centrada no aluno, mais multicultural, mais democrática e participativa, mais autónoma e responsável, com repercussões diretas sobre os paradigmas da própria Educação Física e na minha prática docente.

Terminei o segundo ano curricular do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário com sucesso. A disciplina de Educação e Promoção da Saúde na Escola centra a sua temática numa área que é considerada prioritária pela escola e que está contemplada nos seus objetivos gerais. O conhecimento adquirido foi fundamental para a lecionação das minhas aulas, especialmente no 12º ano, onde desenvolvi um projeto anual que foi apresentado, discutido e aprovado pelo grupo disciplinar, para ser aplicado na lecionação da Área dos Conhecimentos. Os alunos foram responsáveis pelo estudo e apresentação aos colegas de alguns conteúdos da matéria curricular, sempre orientados e supervisionados por mim, onde usaram a biblioteca, recursos informáticos e audiovisuais. O projeto foi avaliado pelo grupo disciplinar muito positivamente e será estendido a mais turmas no próximo ano letivo. A promoção de processos de envolvimento dos alunos nas suas aprendizagens é fundamental para o seu sucesso escolar, especialmente na Educação Física, onde a aquisição de conhecimento que promova a autonomia na gestão da prática de atividade física na idade adulta é objetivo final no programa da disciplina.

Tenho, também, de referir a formação realizada no terreno de forma informal ou mesmo formalmente em sede de reunião de grupo disciplinar, adquirida através da partilha de conhecimentos e experiências de cada um dos professores. Esta formação é diária, e eu, pessoalmente, fomento sempre estas partilhas dentro do grupo. Esta postura e investimento que faço ano após ano, tem aumentado em muito o meu leque de soluções pedagógicas e de conhecimentos sobre as várias matérias. A partilha é bilateral e, como tal, tenho particular gosto em apresentar as minhas ideias, opiniões e

conhecimentos, solicitadas ou não, sempre com respeito e a devida humildade. Na Escola Secundária José Gomes Ferreira são definidas, formalmente, no início do ano letivo quais as ações a realizar, com base nas dificuldades sentidas no ano letivo anterior, nas dificuldades que os novos professores referem ter e nas valências que os elementos do grupo possuem para dinamizar as ações. Esta forma de gestão das formações internas é muito útil tornando estas ações elementos de coesão do grupo e das suas práticas levando-o a uma constante reflexão e aperfeiçoamento das mesmas.

Cabe a cada professor escolher as metodologias de ensino que se adequam aos seus alunos de acordo com as respetivas características, o programa a desenvolver, a formação recebida, o seu trajeto profissional, as características de personalidade, o seu pensar relativamente à educação e ainda a sua filosofia de vida. Este percurso deverá ser acompanhado por uma constante observação e análise e troca de impressões com os colegas de profissão relativamente aos métodos, permitindo uma abertura à mudança, visando os objetivos a atingir (Ferreira & Santos, 1994).

No futuro pretendo adquirir formação na modalidade de Râguebi (e as suas variantes pedagógicas - Bitoque Râguebi, Tag Râguebi), que costumo abordar nas minhas aulas apesar de não ter sido alvo de matéria curricular na faculdade. Cordovil (1993) refere que o Râguebi é um jogo que não é difícil de aprender por causa da simplicidade que o caracteriza a nível técnico, permitindo uma evolução perceptível e motivante para o aluno. Contudo, é simultaneamente um jogo complexo devido à multiplicidade de situações de aprendizagem que proporciona aos alunos. Na minha opinião, o Râguebi nas suas variantes pedagógicas é um desporto que considero ser de grande valor para o desenvolvimento psicomotor bem como para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que o entendimento do jogo é completamente diferente de todos os outros desportos coletivos não havendo uma transferência tão direta de competências como nos outros que são usualmente abordados na Educação Física.

Sendo a Aeróbica e as Danças Tradicionais e Sociais conteúdos com amplo valor didático e fáceis de implementar nas escolas por não necessitarem de muitos recursos materiais, bem como pertencentes à Área de Atividades Rítmicas Expressivas, que é obrigatória para todos os alunos na disciplina de Educação Física, devo continuar a procurar formação que me enriqueça ainda mais nestas áreas.

Gostaria, também, de ter a oportunidade de frequentar ações de formação que, embora não diretamente relacionadas com a minha área específica, me parecem poder contribuir igualmente para melhorar o meu desempenho profissional, como por exemplo o

desempenho de cargos e das tarefas não letivas, facilitadoras de um cada vez melhor desempenho como docente.

4. Reflexão Final

A experiência que tenho acumulado ao longo dos anos tem vindo a demonstrar-me que a medida do sucesso de uma escola está diretamente ligada à força da sua própria cultura e afirmação de identidade. Acredito numa escola ajustada ao seu meio envolvente, onde os seus alunos, mas também, os restantes elementos da comunidade escolar, se sintam identificados, integrados e felizes. A participação na construção desta identidade tem sido, em última análise, a minha bússola profissional.

As minhas Avaliações de Desempenho Docente, nas várias escolas onde lectionei, foram todas de “Muito Bom”, à exceção do ano letivo de 2008/09, em que a minha classificação teve de ser revista de “Muito Bom” para “Bom”, por razões de quotas de avaliação. Posso então afirmar que, em todas as escolas, cumpro com o serviço que me foi distribuído, quer ao nível da componente letiva, quer ao nível da não letiva. Os objetivos individuais e de escola foram não só cumpridos, como na generalidade superados, demonstrando sempre um grande sentido de responsabilidade, gerindo o meu tempo e recursos com inteligência e flexibilidade.

Enquanto professor da disciplina de Educação Física tenho percebido que o foco deve estar essencialmente no sucesso dos alunos, e, neste sentido, a experiência tem vindo a demonstrar que o investimento na promoção de relações pessoais e coletivas “dinâmicas e verdadeiras” na sala de aula, quando devidamente enquadradas num clima de respeito, disciplina e trabalho, são potenciadoras do sucesso escolar acabando por abreviar a maior parte das dificuldades que encontramos. É num maior e melhor desenvolvimento destas relações que reside a principal aposta no futuro, porque relações deste tipo servem de pontes que estreitam a distância professor-aluno, criando compromissos saudáveis e construindo expectativas positivas de conduta que cada um dos agentes acaba por, naturalmente, sentir um dever em cumprir e não defraudar.

As alterações constantes e profundas do sistema educativo dos últimos anos têm vindo a destabilizar o corpo docente das escolas e os próprios alunos, que não compreendem o porquê de algumas mudanças e “discussões”. No entanto, olhando em volta, percebo que a nossa classe se tem defendido da burocracia imposta, dando-lhe cada vez menos importância e centrando-se cada vez mais nos alunos, na aula, no

processo ensino-aprendizagem, na partilha e entreajuda. Parece-me ser uma consequência indireta das resoluções políticas menos populares dos últimos anos, que seria interessante estudar.

Casassus (2008), principal especialista da UNESCO para a América Latina entre 1988 e 2003, diz-nos que o aluno deve ser encarado numa perspetiva de complexidade em que existe interação entre a razão, a emoção e o corpo, sendo não só importante o que se ensina, mas também a forma como se ensina, sendo necessárias competências essenciais ao Professor como a sensibilidade e a criatividade.

O meu orientador de estágio, há treze anos atrás, deu-me um conselho que na altura me pareceu estranho e pouco científico, antes de começar a lecionar a minha primeira aula numa turma que vinha referenciada como “muito complicada”: *“espeta a faca até ao fim e depois vais tirando devagarinho ao longo do tempo!”*. Eu acabei por entrar “a matar” na turma, apenas porque o orientador tinha sugerido e o melhor era fazer o que ele dizia: entrar com muito rigor, poucos sorrisos, muita segurança e formalidade e intransigência para comportamentos desviantes, para ao longo do tempo, à medida que a turma correspondesse, pudesse então desenvolver mais o aspeto afetivo e informal... O trabalho com a turma resultou lindamente e terminei o estágio pedagógico com 18 valores. Hoje compreendo exatamente o que ele quis dizer. A Educação não deixa de estar vinculada à Arte: há mesmo estilos, tendências, técnicas e soluções que partem da criatividade e personalidade de cada um. A Educação é uma Ciência, mas Ensinar... é uma Arte!

5. Bibliografia

- Anacleto, F. (2008). *Do Pensar ao Planear: Análise das Decisões Pré Interativas de Planeamento, de professores de Educação Física em Estágio Curricular Supervisionado*. Unpublished Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (1999). Contextos e perspetivas. In *Contextos da Pedagogia do Desporto*, (pp.19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bossle, F. (2002). Planeamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento*, 8 (1), 31-39.
- Brás, J. & Monteiro, J. (1998) A importância do Grupo para o desenvolvimento da Educação Física. *Revista Horizonte*, Vol. XVI – nº 86.

- Casassus, J. (2008). Juan Casassus fala, Mestre! *Revista Nova Escola, Projetos Educativos*. 218.
- Cordovil, J. (1993). O ensino do Râguebi. *Revista Horizonte*, 7 (54),1-8.
- Decreto-lei nº 3/2008 de 7 de janeiro. *Define os apoios especializados a prestar na educação pré -escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo*. Diário da República I Série Nº 4. Ministério da Educação. Lisboa
- Decreto-lei nº 75/2008 de 22 de abril. *Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário*. Diário da República I. Nº 79. Ministério da Educação. Lisboa
- Escola Básica 2/3 dos Castanheiros (2009). *Projeto Educativo de Escola 2009/2013*.
- Escola Secundária José Gomes Ferreira (2008). *Projeto Educativo de Escola 2008/2011*.
- Escola Secundária Mães D'Água (2006). *Projeto Educativo de Escola 2006/2009*.
- Fayol, H. (1916). *Administration industrielle et générale; prévoyance, organisation, commandement, coordination, controle*. Paris: H. Dunod et E. Pinat
- Ferreira, M. e Santos, M. (1994). *Aprender a Ensinar - Ensinar a Aprender*. Porto: Edições Afrontamento
- Formosinho, J., Fernandes, A., S., e Lima, L. (1988). Princípios Gerais da Direção e Gestão das Escolas, In *Documentos Preparatórios II*, (pp. 139-180) Lisboa: Ministério da Educação, Comissão de Reforma do Sistema Educativo.
- Graça, A. e Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7, 401-421.
- Januário, C. (1992). *O Pensamento do professor. Relação entre as decisões pré-interativas e os comportamentos interativos de ensino em educação física*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). *Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) – Ensino Básico 3º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). *Programa Nacional de Educação Física. 10º,11º e 12º anos. Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: Ministério da Educação
- Lei nº 46/1986 de 14 de outubro. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República I Série Nº 237. Assembleia da República. Lisboa
- Marques, R. (1997). *O Diretor de Turma, O Orientador de Turma - Estratégias e atividades*. Lisboa: Texto Editora
- Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didática em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 12, 75-97.
- Onofre, M. (1996). A supervisão pedagógica no contexto da formação didáctica em educação física. In Carreiro da Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J., & Pestana, C. (Eds.), *Formação de Professores em Educação Física. Concepções, Investigação e Prática* (pp. 75-118). Lisboa: Edições FMH.

- Onofre, M. (2000). *Conhecimento prático, autoeficiência e qualidade de ensino: Estudo multicaso em professores de Educação Física*. Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Piéron, M. (1988). *Enseignement des Activités Physiques et Sportives: Observation et Recherche*. Liège: Presses universitaires de Liège
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- Pires, I., Niza, S., Rosa, J. (1990). O professor, a escola e a comunidade. *Revista Inovação*, 3 (1/2), 155-160.
- Prata, C. (1998). Treinador de jovens, ideias, formação e problemas. *Revista Treino Desportivo*, 3 (I), 15-20.
- Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem*. (pp. 75-92). Lisboa: Texto Editora.
- Rosado, A. (1998). *Nas margens da Educação Física e do Desporto*. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre a planificação didática. In Sarmento, P.; Leça-Veiga, A.; Rosado, A.; Rodrigues, J.; Ferreira, V.; Moreira, L. (Eds.), *Pedagogia do Desporto: Estudos 7* (pp. 27-48). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é Refletir Sobre o Ensino*. Rio Tinto: Edições ASA
- Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J. e Ferreira, V. (1993). *Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação Física e Desporto*. Lisboa: Edições FMH
- Sarmento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: Edições FMH.
- Sena Lino, L. e Viveiros, L. (2007). Apontamentos da Cadeira de Pedagogia do Desporto II. Licenciatura em Educação Física e Desporto. Universidade da Madeira.
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*, 2ªed. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Teixeira, M. (1995). *O Professor e a Escola – Perspectivas organizacionais*. Lisboa: MacGraw-Hill
- Unesco (1980). *O educador e a abordagem sistémica*. Lisboa: Ed. Estampa.

ANEXOS

(disponíveis em CD-ROM)